

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

conexão

Literatura

Maio / 2019

nº 47

DICAS DE LIVROS,
ENTREVISTAS COM
ESCRITORES,
CONTOS, CRÔNI-
CAS E MUITO MAIS

LIVRO:

FONTE DE CONHECIMENTO

**FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES**



www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

MAIO DE 2019

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Resenha: "O Sol Ainda Brilha", por Eudes Cruz, pág. 05
Crônica: "Conversando com estátuas", por Roberto Leon Ponczek, pág. 10
Poema: "Encontrei você aqui", por Rafael Botter, pág. 16
Dicas de livros: págs. 17 e 18
Artigo Científico: Literatura(s) ao alcance de todo(as), por Marcos Pereira dos Santos e Jaime Xavier, pág. 20
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 25
Entrevista com o escritor João Gomes Moreira, pág. 26
Conto: "A acumuladora", por Cecília Torres Nogueira, pág. 30
Conto: "Não esquecido por Deus", por Roberto Schima, pág. 35
Conto: "Mistério na obra do reservatório", por Míriam Santiago, pág. 38
Conto: "Estrada do Engenho Novo, 2045", por João Gomes Moreira, pág. 43
Conto: "A mão", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 48
Conto: "Tio Vampiro - Parte II", por Roberto Schima, pág. 53
Saiba como divulgar, anunciar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 66

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter e Eudes Cruz - Colunistas/Colaboradores

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e diagramação: Ademir Pascale.

Patrocinam esta edição:

Míriam Santiago - Roberto Schima - João Gomes Moreira - Cecília Torres Nogueira - Roberto Leon Ponczek - Marcos Pereira dos Santos e Jaime Xavier - Gilmar Duarte Rocha - Clara Benicio

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



EDITORIAL

Maio chegou com mais uma novíssima edição da *Revista Conexão Literatura*, com novas dicas de livros, entrevistas, crônicas e contos.

Estamos nas redes sociais com atualizações diárias. Siga-nos e fique por dentro do que acontece no mundo da literatura:

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

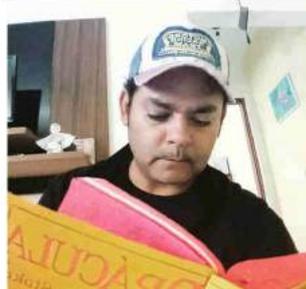
Instagram: revistaconexaoliteratura

Para publicar, divulgar sua obra ou anunciar em nosso site ou próxima edição, acesse: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html>

Tenha uma ótima leitura!

Acesse

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe





O Sol Ainda Brilha

RESENHA

por Eudes Cruz

"E é o julgamento da corte e a sentença da corte que o réu, Anthony Ray Hinton, sofra morte por eletrocussão em data a ser estipulada pela Suprema Corte do Alabama..."

Você já pensou em ser acusado de um crime que não cometeu? E, se além de ser acusado, você fosse levado a julgamento e condenado? Agora imagine que sua condenação seja à pena de morte. Acrescente a isso o fato de ser negro e sofrer preconceito racial, além de não ter condições financeiras para suportar um sistema judiciário em que a situação econômica do acusado sirva como condição para o acesso a uma defesa mais ampla. Imaginou?

Enquanto tudo estiver em sua imaginação, e creio que o impacto seja grande, ainda assim não é algo tangível. Mas, para Anthony Ray Hinton, que conta sua história no livro *O Sol Ainda Brilha*, publicado no Brasil pela Editora Vestígio em 2019, e que tem tradução de Luis Reyes Gil,

isso não foi imaginação. Trata-se de uma história real vivida por ele.

Anthony passou quase trinta anos no corredor da morte, a poucos metros da sala em que a execução dos criminosos acontecia, esperando pela finalização de sua pena capital por crimes que ele não cometeu. O livro, logo de cara, nos apresenta um relato

contundente de uma história real que provoca impactos em quem lê.

"Ninguém é capaz de compreender o que é a liberdade até ser privado dela. É como passar todos os dias numa camisa de força, o dia inteiro. Você não pode fazer nenhuma escolha a respeito de como viver. Meu Deus, o que não daria para poder fazer uma escolha - uma escolha qualquer."

O autor começa a obra nos colocando na cena do julgamento e depois passamos a acompanhar a sua história pgressa, que tem início com os relatos de infância, a vida com uma família pobre, o panorama sobre a situação de dificuldade que encontrava no ambiente em que viveu, o que inclui o preconceito racial, a acusação de ter dirigido um carro que não lhe pertencia e a ausência de habilitação. Mas não foi por isso que ele foi punido. A punição veio por meio da acusação de assassinatos de dois homens.

Depois da condenação Ray nos relata os dias que viveu no corredor da morte, a forma como lidava com os policiais que acompanhavam os presidiários condenados à morte, a relação que se formou com outros apenados (o que inclui a criação de um clube do livro), as visitas que recebia da família e de seu fiel amigo Lester, a relação com os advogados que trataram de seu caso ao longo do tempo, a espera em relação à sua soltura.

"É difícil explicar exatamente qual é a sensação quando você está sendo julgado. Há uma vergonha. Mesmo quando você sabe que é inocente. Ainda assim dá a sensação de que você está coberto por algo sujo e mau. Eu me sentia culpado. Sentia como se minha própria alma estivesse sendo julgada e considerada falha. Quando parece que o mundo inteiro te acha um cara mau, é difícil você se conectar com seu lado bom. Mas eu tentava."

Anthony, inocente que era, se empenhava com dignidade para que fosse libertado, enquanto permanecia trancafiado numa pequena cela a cerca de nove metros da sala de execução em que estava a cadeira elétrica. Naquele corredor, muitas foram as vezes em que viram

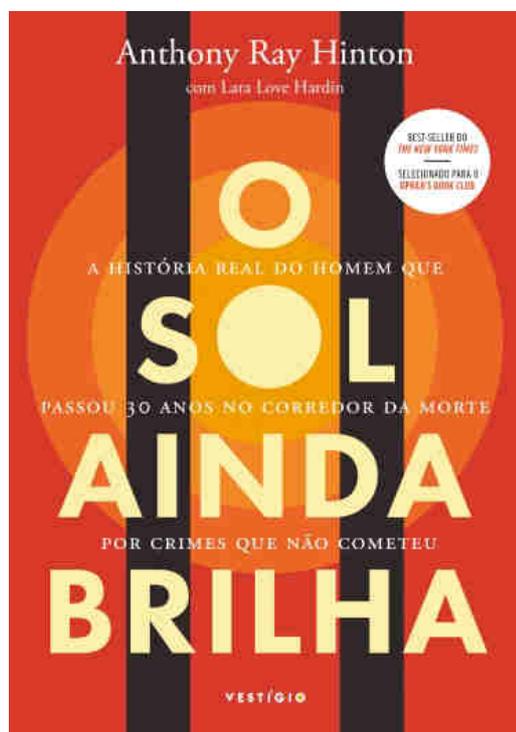
pessoas sendo levadas à execução. Ali também sentiram o cheiro da morte.

O fato de ter mantido consciência em relação ao que acontecia e lutar com dignidade pela sua soltura, haja vista que advogados demonstraram interesse puro em obter dinheiro e nenhum empenho em brigar por sua inocência, Anthony passou por momentos de dificuldade dentro da cadeia. Sentimentos e sensações apavorantes o tomaram, mas ele foi capaz de criar mecanismos que facilitassem a sua permanência num local pequeno e fechado, no qual não deveria estar. Esses mecanismos, de algum modo, faziam com que aquele peso se tornasse mais leve e com que ele fosse capaz de manter sua fé em sair da prisão e escapar da pena que haviam lhe imputado.

"Minha mãe não me educou para odiar. E eu sinto muito quando vejo alguém que foi ensinado a odiar em vez de amar, a brigar em vez de ajudar. Sinto muito por isso e por qualquer um (...) que



sinta vergonha por aquilo que lhe foi ensinado (...) Deus sabe o que está no coração de cada homem. O que alguém fez ou deixar de fazer fica entre ele e Deus, e não é da conta de mais ninguém."



A história de *O Sol Ainda Brilha* levanta questões que afligem. Juízes, advogados e promotores imbuídos em condenar pela cor da pele e pela condição social, não reconhecendo falhas no processo. O racismo manifesto na atuação de quem deveria defender a lei e garantir

direitos. O livro mostra ainda a incapacidade do estado em resoluções rápidas e ágeis e a sucessão de erros que são cometidos e desprezados por quem deveria garantir o devido processo legal. Traz à tona, também a ação de homens que se imbuem de reparar o mal feito e se esmeram em contestar o que está errado.

Imaginar-se na posição de Anthony Ray Hinton, como provocado no início da resenha, é angustiante.

Ele consegue nos transmitir ao longo das páginas do livro o clima e a tensão que paira no corredor da morte. Além de conseguir também imprimir o amor incondicional que tinha por sua mãe (que sempre o visitava) e a relação de forte amizade com Lester (o único que fora todos os dias de visita encontrá-lo na prisão). A história comove, emociona, angustia, revolta e provoca um looping de sentimentos e ratifica a constatação de que homens são falíveis e o sistema judiciário também é falível, posto que é feito por homens.

Salta aos olhos o preconceito racial, sem dúvida. É claro, notório, que muitas das ações foram baseadas em levá-lo

a ser o responsável por algo que ele não poderia ter cometido. As evidências e as provas são mostradas por laudos e depoimentos que o leitor acompanhará ao longo do relato do escritor.

Ray também demonstra força e esperança. "Esperança pode ser uma palavra bonita na prisão. Pode ser provocadora por ficar tão próxima e, ao mesmo tempo, tão fora de alcance. Eu tinha esperança. Tinha muita esperança. Mas às vezes ficava impaciente. Minha vida passava por mim muito depressa, e todo ano eu lamentava o ano que havia perdido. Era grato por não ter sido executado, mas era como se eu existisse num limbo - flutuando em algum lugar entre a vida e a morte, sem nunca saber onde pousar." As dificuldades de se enfrentar o ambiente de um presídio e cumprir uma pena da qual não se tem culpa, deve ser um fardo extremamente pesado de carregar.

O Sol Ainda Brilha é uma história de superação, fé, perdão, luta contra a

injustiça, luta contra o preconceito racial. Uma história a favor da vida e da oportunidade de recomeço. A história impressiona, por ser relatada por quem sentiu na pele o preconceito e a injustiça. A narrativa do autor é fluída e consegue transmitir a mensagem a quem lê. Reforça em nós o anseio de que as injustiças que aparecem diariamente tenham de ser sanadas e que mesmo que saibamos que elas aconteçam hoje e que acontecerão

amanhã, não podemos perder a esperança de lutar contra elas. Não podemos nos silenciar diante dos abusos e não podemos nos acostumar com as injustiças.

Sobre o autor:

Anthony Ray Hinton passou três décadas no corredor da morte injustamente. Libertado em abril de 2015, hoje advoga a favor das reformas penitenciárias e fala sobre o poder da fé e do perdão. Vive no Alabama, Estados Unidos. *O Sol Ainda Brilha* é seu primeiro livro e foi escolhido por Oprah Winfrey para seu clube do livro no verão de 2018.

Ficha Técnica:

Título: O Sol Ainda Brilha
Autor: Anthony Ray Hinton
Tradução: Luis Reyes Gil
Editora: Vestígio
Edição: 1ª
ISBN: 978-85-54216-25-4
Ano: 2019
Número de Páginas: 314
Assunto: Não ficção



Eudes Cruz é paulistano. Gestor de processos atuou como coordenador de desenvolvimento de produtos. É apaixonado por livros desde a infância e se aventura por todos os gêneros literários, embora tenha predileção por suspense, terror e policial. Adora animais e reside na capital paulista. Blog: tomoliterario.blogspot.com.br. E-mail: tomoliterario@gmail.com.

Amar é Aceitar com Coragem o Grande Desafio de Recomeçar



Yasmin é uma garota romântica que vive em Fortaleza, até que um dia, por acaso, conhece Sam, um homem encantador. Foi amor à primeira vista. Porém, no auge desse amor, acontece uma tragédia que a deixa em uma profunda depressão. Quando ela já havia perdido as esperanças de ser feliz novamente, uma reviravolta acontece. "Quando dois corações se encontram" traz a história de uma mulher que precisa vencer os fantasmas do passado se quiser reencontrar a felicidade.

Disponível
nas principais
livrarias do país,
como Amazon, Cultura,
Saraiva, Curitiba, Leitura,
Travessa e Martins Fontes.

Conversando com Estátuas

CRÔNICA

Por Roberto Leon Ponczek



Crônica

Vivi 35 anos na Bahia, convivendo com capoeiristas, baianas de acarajé, timbaleiros, malandros, hippies, alternativos micro e macrobióticos e também, como professor da UFBA, convivi com a elite intelectual acadêmica: professores universitários, músicos eruditos e populares, ajudei a formar centenas de alunos de Física e Filosofia. Publiquei durante quase 15 anos uma coluna semanal de Música Erudita naquele que já foi o maior jornal do norte-nordeste: A Tarde. Escrevi centenas de artigos sobre música erudita europeia, desde o Canto Gregoriano a Stravinski e também sobre a música erudita negra do séc. XX, o jazz, desde os seus primórdios em Nova Orleans ao Free Jazz de Ornette Coleman, passando pelos duetos de bebop entre Charlie Parker e Dizzy Gillespie. Frequentei as comunidades judaicas tanto liberais como a Sib, quanto as mais conservadoras com Beit Chabad na

Barra, onde aprendi a rezar. Nos anos de chumbo da ditadura fui comunista e ateu (Graças a Deus), li Marx e Engels, assim como depois, em plena democracia, tornei-me um judeu.

Conheci a Bahia em seus mais ínfimos detalhes. Escalando desde as ladeiras do Pelô às mais recônditas trilhas da Chapada Diamantina. Banhei-me em praias paradisíacas de sul a

norte, de Trancoso a Mangue Seco, embrenhei-me em densos manguezais, sendo observado apenas por fêmeas de caranguejos que iam desovar na beira da maré vazante. Nadei no candido mar do Porto da Barra como peguei “jacaré” em grandes ondas no oceano aberto e agitado de Imbassaí donde se avista no horizonte a costa da África, onde nasce o sol. Percorri sua geografia quase completa, desde seus rios límpidos à suas baías de águas quase estáticas. Desde Garapuaá a Todos os Santos, tracei-lhe uma cartografia, esquadrinhando suas correntezas, marés, arrecifes, ilhas e arquipélagos. “A Bahia me deu régua e compasso” como dizia Gilberto Gil, e nessa terra mágica procriei, fazendo dois filhos que ganharam o mundo, plantei mudas que se tornaram árvores frondosas, escrevi meia dúzia de livros, dezenas de artigos científicos e centenas de artigos musicais.

Cheguei na Bahia com 35 anos e exatos 35 anos depois, com a missão cumprida em Salvador, volto às minhas origens asfálticas no Rio de Janeiro onde toco feliz, surdo de terceira marcação, num bloco carnavalesco afinado desta cidade. Faço pum-pum-pá; pum-pum-pum-pá. Mas já repiquei muitos agogôs na Bahia fazendo: pim-pom; pim-pom, pim-pim-pom. E toquei pandeiro fazendo: tica-táca/táca-táca. Meu coração pulsou igual e livremente nestes três ritmos.

Consegui também na Boa Terra, e agora no Rio, superar a aparente contradição entre ser judeu de origem polonesa e batuqueiro baiano e agora, o mais novo batuqueiro carioca. Rezo no Shabat, cantando de alto e bom tom em hebraico o “Shemá Israel”(Ouça Israel), na língua das Escrituras, para que Deus me entenda, e batuco brasileiromente um surdo aos domingos sem nenhuma contradição entre esses dois momentos, pelo contrário, um complementa o outro e ambos me completam. Afinal, sou um judeu-brasileiro ou talvez um brasileiro-judeu.

Coloquei à venda todos meus bens imobiliários e automotivos, vendi carro, mesas, cadeiras, sofás, tapetes, porcelanas, descartei bugigangas e doei mais da metade de minhas roupas e sapatos que entulhavam minha vida e meu armário embutido e que não caberiam em minha nova, e bem menor, morada em Copacabana, onde nasci e renasci. Botei a venda os imóveis que consegui

comprar em Salvador. Descobri que pelo menos a metade dos objetos que possuímos são inúteis, verdadeiras quinquilharias que nos escravizam. E voltei flutuando com a insustentável leveza do ser, para o igualmente meu, Rio de Janeiro, onde me bate mais leve o coração fazendo: pum-pum-pá/pum-pum-pum-pá, num ritmo que pulsa entre o tempo forte e o contratempo. Entre o “pum”, do surdo de primeira, e o “pá”, do surdo de segunda, pulsam infinitamente uma miríade de ritmos intermediários que dão significado à minha nova vida, neste novo Rio de Janeiro redescoberto. Passeio por suas largas ruas e avenidas cruzando com frenéticas multidões que não deixam o bairro dormir, em contraste com a pacata Salvador onde às 6 da noite se vê mais motoristas engarrafados nas ruas, buscando suas casas, que pessoas por elas andando. A cidade do Salvador se recolhe pouco depois das sete, mergulhando a rua Sabino Silva, onde eu morava, no mais

absoluto e sepulcral silêncio. No Rio, especialmente em Copacabana, o crepitante movimento da Av. Nossa Senhora de Copacabana e da rua Barata Ribeiro, depois das 7h, qdo as lojas começam a fechar ruidosamente a cadeado suas grades e portões, parece que a multidão se translada toda para Av. Atlântica, lotando seu calçadão, bem como seus bares e quiosques. Misturo-me assim ao fluxo vespertino das multidões da N. S. Copacabana e ao contrafluxo noturno da Av. Atlântica. Passeio pelo calçadão onde encontro-me na Pedra do Leme com a judia ucraniana Chaia Pinkasovna, mais conhecida como Clarice Lispector, que me espera sentada na balaustrada, acompanhada de seu cão Dilermando. Ela me chama e cochicha no meu ouvido:

“Vida é o desejo de continuar vivendo e viva é aquela coisa que vai morrer. A vida serve é para se morrer dela.” Despedi-me de Clarice quando ela me chama de volta e sussurra em surdina: “O que acontece depois de sermos felizes?”- fazendo-me refletir que felicidade é uma miragem no deserto: de longe parece um verdejante oásis, mas de perto é apenas areia. “E depois o que acontece?” - insiste ela. Respondo-lhe, em tom filosófico, que é necessário vislumbrar sempre novas miragens e seguir caminhando mesmo sabendo que não encontraremos nada além de um infinito deserto.

Logo em seguida, faço meia volta, sigo caminhando, e na Fiorentina, Ari Barroso me aguarda também sentado numa mesa, marcando o ritmo com o pé, e cantarolando os primeiros versos de Aquarela do Brasil que pode ser considerado o hino popular do Brasil:

Meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
Ô Brasil, samba que dá
Bamboleio que faz gingar
Ô Brasil, do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil, Brasil
Pra mim, pra mim



Pergunto-lhe porque o Brasil é um “mulato inzoneiro”, (ardiloso, matreiro).

Ari me responde que “a manha, a malandragem e a ginga fazem parte de nossa essência mulata. Basta ver em ação os grandes mestres capoeiristas, como mestre Bimba ou Pastinha, naquela ginga de corpo que “faz que vai mas não vai” culminando numa imprevisível e fulminante rasteira que derruba o adversário”- explica-me ele.

Na altura do Copacabana Palace desvio-me em direção da rua Barata Ribeiro para tomar umas cervejas de garrafa num de seus inúmeros botecos, quando na Inhangá surge diante de mim, ereto e reluzente, em bronze esverdeado, Nelson Rodrigues que me diz com sua voz rouca e cavernosa:

“O Fla x Flu surgiu 45 minutos antes do nada”.

“Nada é mais velho do que o jornal de ontem, mais velho até que um papiro do Egito”. Afasto-me furtivamente, sem conter o riso, quando ainda o ouço balbuciar:

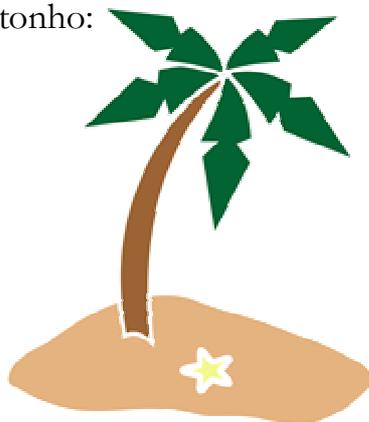
“ Invejo a burrice porque é eterna”...

Paro, cerca da Barata Ribeiro esquina com a Inhangá, para um pit stop e abastecer-me de uma boa cerveja, mordiscando os amendoins torrados e embrulhados em forma de cone que um ambulante me vende na base de “1 por 3 e 2 por 5”. Aproveito a “promoção” e degusto os dois cones de amendoins como se fossem uma rara iguaria.

Andarilho que sou, sigo meu périplo por Copacabana para meus últimos encontros do dia.

Carlos Drummond, sentado em seu banco de pedra, à beira mar, me confia que “no mar estava escrita uma cidade”, e confundindo-me com um certo José, pergunta-me em um tom tristonho:

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?



Mais alguns passos e logo adiante me aguarda no posto 6 o poeta maior da Bahia, Dorival Caymmi. Há 35 anos, atraído por sua música - que descreve o mar totêmico e anímico de Iemanjá; as praias onde os coqueirais dançam a dança do vento; o jangadeiro que se arrisca no mar revoltoso; as baianas de acarajé, entoando tristes ladainhas; as sereias que habitam eroticamente o mar da Bahia - fui dar nos costados de São Salvador da Bahia. E eis que me encontro agora no Rio com um sorridente Caymmi que de braços abertos me convida para um abraço, empunhando em outra mão seu violão. Dou-lhe um cordial abraço enquanto cantarolo em dueto com ele:

“Minha jangada vai sair pro mar
Um peixe bom eu vou trazer”...

“Minha sereia, Rainha do mar, minha sereia é moça
bonita nas ondas do mar é onde ela habita”.

Confidencio-lhe que trilhamos caminhos opostos, pois enquanto ele deixou a Bahia radicando-se no Rio, eu

deixei o Rio e fixei-me em Salvador. No entanto, eu acabara de voltar às minhas origens enquanto ele jamais o fez. Caymmi então me confessa em tom melancólico:

“Ai que saudade eu tenho da Bahia

Ai se eu escutasse o que mamãe dizia”

Ai, se escutasse hoje eu não sofria...

Mais alguns passos dou de frente com o paredão do Forte Copacabana, alcançando o fim do calçadão e retorno tranquilo e feliz, depois de tantos encontros gloriosos, à rua Professor Gastão Bahiana, onde passei a residir com minha jovem mulher que já me esperava dando-me o derradeiro abraço dessa auspiciosa noite carioca.

Lembro-me então de Woody Allen quando nos adverte que “a vida é uma doença incurável e sexualmente transmissível”. Sim, é preciso viver intensamente até se morrer dela!



Roberto Leon Ponczek

É Mestre em Física Nuclear pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professor de Física concursado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto IV da UFBA. É doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. É membro dos grupos de trabalho Benedictus Spinoza e Filosofia do séc. XVII, da Anpof e Professor Permanente no Doutorado Multidisciplinar de Difusão do Conhecimento onde orienta vários alunos de Doutorado e leciona Epistemologia e Seminários de Tese. Possui vários trabalhos publicados sobre a filosofia de Spinoza, além de participações em encontros e congressos de Filosofia da Ciência e Educação. É autor dos livros Os crocodilos guardiões e a Biblioteca da Babilônia: manhas, artimanhas e imposturas acadêmicas, publicado recentemente pela CRV e Deus ou seja a Natureza: Spinoza e os novos paradigmas da Física, recentemente reeditado pela EDUFBA. Dedicar-se atualmente a construir uma pedagogia da ciência, inspirada nas filosofias de Einstein e Spinoza.

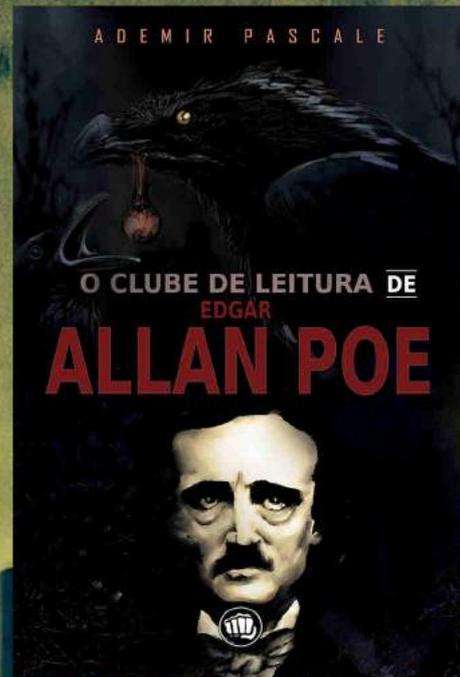
E-mail: roberto.ponczek@gmail.com.

O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe

Ademir Pascale

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego.

- Sérgio Simka, doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP



www.selojovem.com.br
www.edgarallanpoe.com.br

ENCONTREI VOCÊ AQUI

POR RAFAEL BOTTER

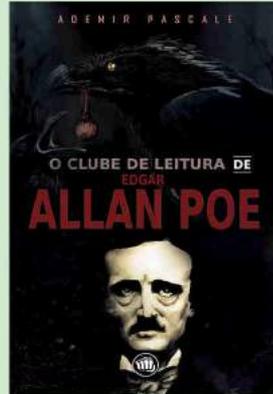
Em cada linha escrita, possuí um
pouco de você.
Foi aqui mesmo, através de cada pala-
vra
O amor foi sendo revelado em todas
as
Formas.
Cada parágrafo, você se encontra
Nós nos encontramos
Foi revelador em cada instante
Quando dei por mim,
Já escrevia eu te amo com uma
caneta
Porém o sentimento era com o cora-
ção,
Todo o meu ser estava em você.
Sim!
Foi aqui mesmo que te encontrei
Na poesia que revela o que sinto por
Você.
Uma poesia que revela um pouco de
mim
Uma poesia que revela tudo por
você.

Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog Livreando: <http://www.livreando.com.br> e Traveling Between Pages: <http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br>. E-mail: botter.rafael@gmail.com



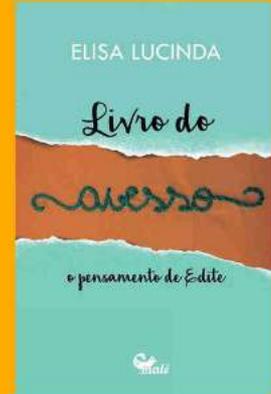
Práticas para educação de zero a cinco anos
Angela Cristina Munhoz Maluf

Acesse



O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe
Ademir Pascale

Acesse



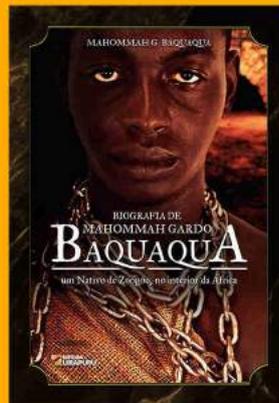
Livro do Averso
Elisa Lucinda

Acesse



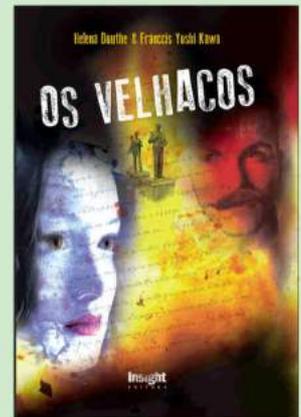
O Vingador do Sangue
João Gomes Moreira

Acesse



Baquaqua
Mahommah G. Baquaqua

Acesse



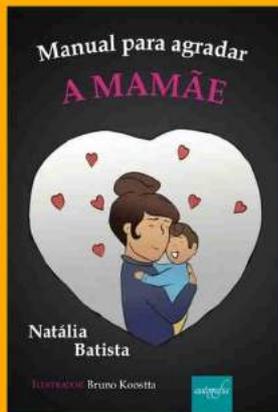
Os Velhacos
Helena Douthe e Franccis Yoshi Kawa

Acesse

“Acredite em si próprio e chegará um dia em que os outros não terão outra escolha senão acreditar com você.”
– Cynthia Kersey

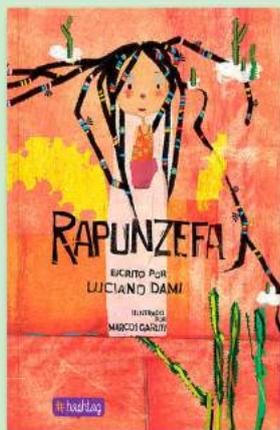
Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





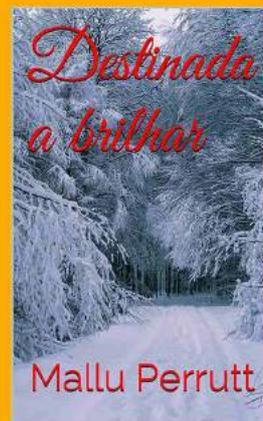
Manual para agradecer a Mamãe
Natália Batista

Acesse



Rapunzefa
Luciano Damí
Marcos Garuti (Ilustrador)

Acesse



Destinada a brilhar
Mallu Perrutt

Acesse



O silêncio dos livros
Fausto Luciano Panicacci

Acesse



Contos de arrepiar
Júlio Emilio Braz

Acesse



O vazio da palavra
Alexandre Archanjo

Acesse

“O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos.”

– Eleanor Roosevelt

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess

sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
my, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
"I'm not sleeping."
the white door
the
night.

Literatura(s) ao alcance de todos(as)

Por Marcos Pereira dos Santos e
Jaime Xavier



Os eventos literários como estímulo à leitura e democratização da cultura no Brasil

Artigo Científico

Literatura(s) e leitura(s): um enlace (cultural) perfeito!

Trata-se, grosso modo, de duas palavras plurais distintas cuja conexão, imbricação e relação umbilical deve ocorrer de forma indissociável, ambas caminhando juntas, aladas, e em sentidos e direções convergentes; prioritariamente no âmbito do processo educativo escolar.

Dizemos isso, porque não se pode admitir, principalmente nos dias atuais, dada a propagação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), a existência de livros sem leitores(as) e de leitores(as) sem livros.

Apesar de a indústria cultural e, nesse contexto, o mercado editorial da sociedade pós-moderna trabalharem militantemente em prol da publicação e divulgação de livros e revistas científicas especializadas alusivas às diferentes áreas do conhecimento, seja por meio de material impresso (formatos brochura ou espiral) e/ou digital (versão *online* – a exemplo dos *e-books* e das revistas eletrônicas), é possível constatar que o Brasil, se comparado aos países desenvolvidos (outrora também chamados de países de Primeiro Mundo), configura-se ainda como sendo uma Nação cuja população tem pouco hábito de leitura, o que acarreta no baixo desempenho escolar dos estudantes brasileiros da Educação Básica – desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (BRASIL, 1996) particularmente nas disciplinas curriculares de Língua Portuguesa (subárea Leitura), Ciências e Matemática; conforme demonstram dados estatísticos coletados, no ano de 2015, pelo *Programme for International Student Assessment* (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) – PISA ao aferir que:

Os resultados do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês), [...] mostram uma queda de pontuação nas três áreas avaliadas: Ciências, Leitura e Matemática. A queda de pontuação também refletiu uma queda do Brasil no *ranking* mundial: o País ficou na 63ª posição em Ciências, na 59ª em Leitura e na 66ª colocação em Matemática. A prova é coordenada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e foi aplicada no ano de 2015 em 70 países e economias, entre 35 membros da OCDE e 35 parceiros, incluindo o Brasil. Ela acontece a cada três anos e oferece um perfil básico de conhecimentos e habilidades dos estudantes, reúne informações sobre variáveis demográficas e sociais de cada país e oferece indicadores de monitoramento dos sistemas de ensino ao longo dos anos. [...] *Especialistas [...] afirmaram que não há motivos para comemorar os resultados do Brasil no PISA 2015, e enfatizaram que, além de investir dinheiro na educação de uma forma mais inteligente, uma das prioridades deve ser a formação e a valorização do professor.* [...] No País, a prova fica sob responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A amostra brasileira contou com 23.141 estudantes de 841 escolas, que representam uma cobertura de 73% dos estudantes de 15 anos. Em cada edição, o PISA dá ênfase a uma das três áreas. Na deste ano, o foco foi Ciências. *Em 2015, a nota do País em Ciências caiu de 405, na edição anterior, de 2012, para 401; em Leitura, o desempenho do Brasil caiu de 410 para 407; já em Matemática, a pontuação dos alunos brasileiros caiu de 391 para 377.* Cingapura foi o País que ocupou a primeira colocação nas três áreas (556 pontos em Ciências, 535 em Leitura e 564 em Matemática). [...] De acordo com os dados, os resultados dos estudantes em Ciências e Leitura são distribuídos em uma escala de sete níveis de proficiência (1b, 1a, 2, 3, 4, 5 e 6). Em Matemática, a

escala vai de 1 a 6. Segundo a OCDE, o nível mínimo esperado é o nível 2, considerado básico para a aprendizagem e a participação plena na vida social, econômica e cívica das sociedades modernas em um mundo globalizado. No Brasil, em todas as três áreas, mais da metade dos estudantes ficaram abaixo do nível 2. [...] Além disso, 4,38% dos alunos brasileiros ficaram abaixo até do nível mais baixo no qual a OCDE determina como habilidades esperadas para os estudantes em Ciências. Em Leitura e Matemática, esse índice foi de 7,06% e 43,74% em Matemática (no caso, da Matemática, porém, há seis níveis de proficiência, e não sete). Participaram alunos de todos os Estados brasileiros, mas, no Amapá e no Paraná, não houve um número mínimo de avaliações para garantir uma análise estatística ampla. (MORENO, 2016, p.1-2; destaques nossos)

No que tange, em específico, à subárea *Leitura*, o desempenho dos estudantes brasileiros no PISA 2015 é deveras preocupante, haja vista que, segundo Moreno (2016, p.3; grifos nossos), faz-se relevante considerar o seguinte:

[...] O PISA define o “*letramento em leitura*” como a capacidade de os estudantes entenderem e usarem os textos escritos, além de refletir e desenvolver conhecimentos a partir do contato com o texto escrito, e de participar da sociedade. *A prova do PISA avalia o domínio dos alunos em três aspectos da leitura: localizar e recuperar informação, integrar e interpretar, e refletir e analisar.* Vários tipos de textos aparecem na prova, como os descritivos, narrativos e argumentativos, e há textos que apresentam situações pessoais, públicas, educacionais e ocupacionais. *No PISA 2015, 50,99% dos estudantes ficaram abaixo do nível 2 de proficiência.* A média de desempenho foi de 407 pontos. *É a segunda queda consecutiva na área de Leitura desde 2009.* [...] *Os estudantes brasileiros mostraram melhor desempenho ao lidar com textos representativos de situação pessoal (por exemplo: e-mails, mensagens instantâneas, blogs, cartas pessoais, textos literários e textos informativos) e desempenho inferior ao lidar com textos de situação pública (por exemplo: textos e documentos oficiais, notas públicas e notícias);* conforme avaliou o INEP, no documento divulgado à imprensa.

Face a tais constatações, observa-se que é urgente e necessário a tomada de atitudes radicais, em termos didático-pedagógicos e metodológicos e de ressignificação/redimensionamento das políticas públicas educacionais vigentes, que venham a reverter substancialmente, a curto ou médio prazos, o quadro negativo no qual estão imersos os estudantes brasileiros da Educação Básica das escolas das redes federal, estadual, municipal e privada de ensino em relação ao seu ínfimo rendimento/desempenho escolar na disciplina curricular de Língua Portuguesa, subárea *Leitura*; em específico.

Para tanto, entendemos que, além das mudanças que se fazem prioritárias em âmbito educacional escolar, a aquisição de gosto pela área de Literatura e o desenvolvimento da prática do hábito de leitura pelos alunos (dentro e fora do espaço educativo da instituição-escola) podem e devem, inclusive, ser mobilizados e incentivados pela realização de diferentes eventos literários (antologias literárias; saraus literários; mostras literárias; festas literárias; concursos literários; *workshops* literários; palestras literárias; oficinas de textos literários; cursos e minicursos sobre Literatura; encontros literários; feiras literárias; debates literários; feiras de livros; rodas de conversas (bate-papos) com escritores locais, regionais, nacionais e internacionais; festivais de Literatura; Bienais de Livros; Prêmios Nobel de Literatura; dentre outros), de cunho científico ou não científico, no contexto brasileiro; os quais certamente servirão como trampolim, mola propulsora e estímulo eficaz e eficiente ao desenvolvimento da prática de leitura e à democratização da cultura literária e científica no Brasil dos dias atuais, bem como para as gerações vindouras.

Além desses eventos literários propriamente ditos, consideramos ser profícuo que as faculdades, as universidades, os institutos educacionais, os centros de pesquisa científica e as Academias de Ciências, Letras e Artes, existentes no Brasil, também possam ser colaboradoras no sentido de idealizar, divulgar e promover eventos acadêmicos (congressos, simpósios, colóquios, encontros temáticos, fóruns de discussão, feiras científicas, mesas-redondas, palestras, cursos, minicursos, oficinas pedagógicas, *workshops*, seminários temáticos, dentre outros) e/ou eventos literários típicos (de natureza similar aos eventos literários mencionados *a priori*), a fim de contribuir para a prática do hábito de leitura, a disseminação da arte literária e a socialização do saber/conhecimento literário-científico a todas as pessoas; independentemente de credo religioso, *status* social, raça, etnia, nível de instrução escolar, profissão, classe social, localização territorial, espaço geográfico, etc.

O importante é, pois, propagar os diversos tipos de estilos/gêneros textuais (narração, descrição, dissertação, artigo científico, ensaio científico, resenha, resumo, *paper*, dentre outros) e literários (conto, crônica, poema ou poesia, epopeia, romance, texto teatral, aforismo, ficção, drama, novela, autos, comédia, tragédia, tragicomédia, dueto, soneto, terceto, haicai, aldravia, poemeto, trova ou quadrinha, glosa, elegia, texto de cordel, charge, tirinha, tautograma, etc.) existentes, de acordo com o que asseveram Faraco e Moura (1993), Mainardes (2014) e Martins e Ledo (2004), socializando e democratizando a Literatura, colocando-a inteiramente à disposição e ao alcance de homens, mulheres, idosos(as), jovens, adolescentes e crianças dos dias de hoje e do futuro; rumo à (re)construção militante e coletivo-participativa de um mundo, de um Brasil e de uma sociedade cada vez mais humana, ética, moral, fraterna, igualitária, altruísta e verdadeiramente democrática para todos os sujeitos sociais – autênticos cidadãos e autênticas cidadãs da *pólis* (Cidade-Estado), dotados(as) de extrema *nóesis* (inteligência) para transformar a si mesmos(as), o seu Eu pessoal, o seu interior e os diversos contextos sociais que os(as) circundam.

Que possamos, portanto, por intermédio da arte literária, sair da “caverna” do mundo sensível (senso comum, opiniões simplistas (*doxa*), irrealismos, “achismos” e

devaneios) para, à luz da razão (*logos/episteme*) do mundo inteligível (PLATÃO, 1985), galgar novos itinerários, rompendo barreiras e fronteiras.

A leitura e a Literatura, ambas em suas diversas nuances, facetas e matizes, nos possibilitam a abertura de novos olhares e a conquista de novos horizontes.

Quiçá que, corroborando com Santos (2019), a poesia (ou poema) e tantos outros estilos/gêneros textuais-literários possam ser compreendidos como importantes meios pedagógicos, didáticos e metodológicos alternativos para ensinar e aprender Literatura na escola brasileira de Educação Básica, bem como despertar o gosto pela arte literária, desenvolver a imaginação criativa, estabelecer o senso de criticidade e promover a aquisição da prática diária do hábito de leitura acerca das inúmeras literaturas acadêmico-científicas existentes.

**Pensemos, pois, de forma analítica e crítico-reflexiva a respeito!!!
É o que sinceramente almejamos.**

Referências

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura.** 2º grau. v.1. 13.ed. São Paulo: Ática, 1993.

MAINARDES, T. **Literatura paranaense em sala de aula:** manual do professor. Curitiba: Editora Inventiva, 2014. (Coleção Literatura Paranaense do Jornal Gazeta do Povo).

MARTINS, P.; LEDO, T. O. **Manual de literatura:** literatura portuguesa e literatura brasileira. São Paulo: Editora DCL, 2004. (Coleção Guia Prático da Língua Portuguesa).

MORENO, A. C. **Brasil cai em *ranking* mundial de educação em ciências, leitura e matemática.** Disponível em: <https://g1.globo.com/.../brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica>. Acesso em: 06/12/2016.

PLATÃO. **A república:** livro VII. Brasília: Editora da UnB, 1985.

SANTOS, M. P. O gênero textual-literário poesia: uma alternativa pedagógica para ensinar e aprender literatura brasileira na escola de educação básica. In: **Revista Conexão Literatura.** São Paulo: Editora CN, n.45, p.24-28, mar./2019.

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador das áreas de Ciências da Religião e Ciências da Educação. Escritor, trovador, poeta, cronista, ensaísta, articulista, antologista, aldravista e haicaísta ao estilo oriental. Professor universitário em Ponta Grossa/PR. *E-mail:* mestrepedagogo@yahoo.com.br

Jaime Xavier – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Literato amador. Defensor militante pela causa dos direitos humanos. Profissional autônomo, exercendo suas atividades laborais em Ponta Grossa/PR. *E-mail:* jxjaimexavier@gmail.com

conexão Literatura

Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

dose-of-poetry.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

www.sugestoesdelivros.com

Grupo no Face: Os Escritores

www.encantoliterario.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

esoponovagao.blogspot.com.br

Grupo no Face: Notícias Literárias

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

www.submersaempalavras.com

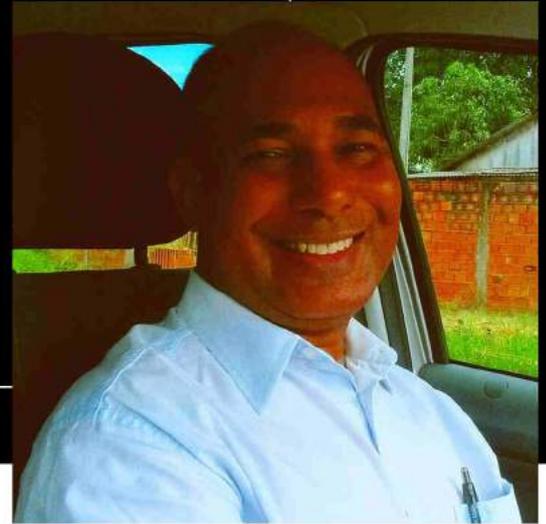
Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



ENTREVISTA COM

— JOÃO GOMES MOREIRA —

Natural de Alto Piquiri, Paraná. Casado, pai de Juno Victor (13) e Hillary (11). Membro da Academia de Letras de Rondônia – ACLER. Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados, Doutor em Data Processing pela American World University – AWU, Iowa/USA. Publicou: Marcador do Tempo (poemas) em 2007; Na Baiuca de Longwood em 2010 (contos); Relações de Gêneros em 2014 (ensaio) e o livro O Vingador do Sangue em 2016 (romance).



Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

João Gomes Moreira: comecei a escrever quando juvenil ainda. Eu era um menino muito tímido e desajeitado nos esportes então passava meu tempo livre lendo. Minha mãe recebia muitas revistas e livros de suas patroas. E naquela época não tinha TV em casa. Das histórias dos livros passei a inventar as minhas aventuras. Embora em primeiro lugar eu escrevi os meus versos de pés quebrados... Guardei por décadas os escritos. Depois participei de um concurso de literatura. O Projeto Colares de Letras da Fundação Cultural de Ji-Paraná, Rondônia. Assim eu fui um dos contemplados com o Prêmio em 2007. Entre 2005 e 2007 eu publicava meus trabalhos no Blog Caverna de Platão. Aí juntei os contos e fiz uma coletânea de contos em 2010 – Na Baiúca de Longwood & outros contos de amor e guerra. Esta me levou a indicação e eleição para a Academia de Letras de Rondônia.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Vingador do Sangue”. Poderia comentar?

João Gomes Moreira: Sim! Este foi meu último trabalho publicado no Brasil. Durante os anos em que lecionei História (1994-1998) despertei meu interesse pelas civilizações da antiguidade. Os hebreus após a entrada na terra de Canaã receberam as primeiras leis anunciadas por Moisés e registradas no Pentateuco (especialmente nos livros de Números e Deuteronômio). Este livro é uma narrativa onde apresenta um estudo sobre o sistema jurídico hebreu e o comércio babilônico. Este sistema tinha

profunda preocupação com a ética humana. O vingador do sangue era um parente da vítima de um eventual homicídio (acidental, ou obscuro) que, como diz a definição, busca a vingança, a reparação da perda.... Ao refletir sobre essa questão comecei a imaginar uma história envolvendo duas famílias em litígio.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

João Gomes Moreira: Como desenvolvia o ofício de professor na época, eu tinha janelas de tempo disponível, e, aproveitei para o estudo e pesquisa sobre a geografia, ciência e cultura do oriente médio. Esta atividade foi realizada em cerca de seis anos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

João Gomes Moreira: Esta é a epopeia do jovem Seth Farack, longe de casa que só tem pensamentos cheios de esperança, de reencontro com sua família. Ao mesmo tempo aguarda ansioso o desfecho de seu caso. A marcha monótona do tempo causa angústia, medo e incertezas. O espírito é forçado até seu limite, talvez, não haja nada mais terrível do que a constatação na juventude, de que todo o seu preparo para o amanhã e o sonho da vida futura esteja ameaçado injustamente por contingências nefastas do destino. Esta história é um hino em tributo a liberdade, a amizade e a busca/conquista de si mesmo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

João Gomes Moreira: o livro se encontra disponível no site: www.clubedeautores.com.br e também disponibiliza caixa de e-mail para contato com o autor. Será um prazer trocar figurinhas.

Conexão Literatura:
Existem novos projetos em pauta?

João Gomes Moreira:
Estou planejando uma antologia poética para lançar em novembro. Também voltei a escrita de contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cem Anos de Solidão

Um (a) autor (a): Rubem Fonseca.

Um ator ou atriz: Lázaro Ramos

Um filme: O Pagador de Promessas

Um dia especial: dia do lançamento do meu primeiro livro!

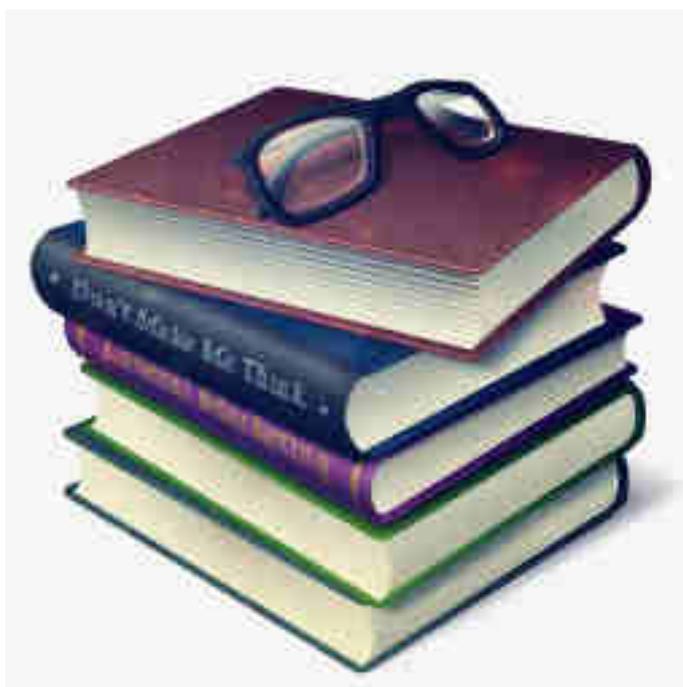
Conexão Literatura:
Deseja encerrar com mais algum comentário?

João Gomes Moreira:
Agradeço a Revista pela oportunidade de falar um pouco sobre o meu trabalho. Precisamos, mais do que nunca, promover a literatura nacional, porque a globalização é um projeto onde grandes

potências exportam suas ideias e produtos de modo massivo. É urgente produzir, divulgar em diferentes

meios a nossa literatura.

O Vingador do Sangue
Autor: João Gomes Moreira
Clube de Autores
Nº de páginas: 248



***Ademir Pascale** é Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Organizador e criador da obra “Possessão Alienígena” (Editora Devir), autor do romance “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”, lançado pela editora Selo Jovem. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limboграфия" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>



A ACUMULADORA

por Cecília Torres Nogueira

Conto

O cheiro ardido do lixo acumulado incomodava a vizinhança, por várias vezes o agente da vigilância sanitária era chamado para aplicar multas e advertências para a moradora da Rua Morsa, quarenta e um, de um bairro de classe média. Matilde era uma mulher solitária, tinha quarenta anos, porém, pela vida sofrida que teve aparentava muitos anos a mais, a aparência rude e sem higiene era abandonada à própria sorte, trajava roupas que comprava em brechó e o cabelo desalinhado escondia o pouco de beleza que ainda restava da senhora. Coleccionava tudo que lhe vinha à frente; animais como gatos pelo menos uma

dúzia deles, depois começou com jornais, livros e revistas, achava que teriam serventia para ler quando tivesse tempo, acumulava objetos, que para as pessoas comuns serviria apenas para usar e descartá-los, aquilo tudo era uma recompensa pelo seu abandono, achava que pelo menos esses objetos eram seus amigos, companheiros, tinham uma história em parceria, nunca a abandonariam...

Até que um dia chegou uma ação de despejo, a prefeitura ordenou que: ou ela se livrava de toda aquela bagunça e lixo, ou seria despejada da própria casa; levou um grande baque que a deixou ainda mais desequilibrada agora teria que voltar

às ruas para consumir mais e mais do pouco dinheiro que recebia da pensão do governo por ter ensandecido e não conseguir mais ser professora a aluna provocava com palavrões ou atiravam objetos, deste modo, vivia de licença médica.

Passando em frente a um galpão que vendia móveis, roupas, livros e tantos outros objetos usados eram como se um ímã a puxasse naquele momento, era tudo tão convidativo que mais parecia que ela tinha sido convidada para uma festa entre amigos, sem perceber que suas pernas a conduziram para dentro daquele estabelecimento que vivia de doações era um preço um pouco menor que o de costume assim ela podia acumular mais coisas inúteis. Estava frio e Matilde se viu sem saída teria que comprar um, sobretudo e justo aquele preto cujo preço cabia no bolso, catou mais livros, uma caixinha de música, um castiçal antigo, jogos de cartas que nem tinha com quem jogar e mais coisas sem serventia. Sentiu-se feliz, uma euforia tomou conta da alma, talvez a balconista nem tivesse dado conta da alegria que aquela mulher estranha se realizava naquele instante.

— Você vai me levar assim mesmo e me vestir sem passar? Uma voz gutural e abafada parecia sair da mulher ou daquele casaco — a balconista estranhou o diálogo.

— A senhora disse alguma coisa? — perguntou a moça encafifada. Arcando a sobancelha assustada.

— Não, eu apenas pedi para embrulhar minhas coisas o casaco já vou vestida mesmo está muito frio lá fora.

Matilde se arcava carregando um peso danado de tantos objetos que mal cabiam na casa, tudo já se transbordava pelo

quintal e pelos cômodos da moradia, mal se conseguia adentrar por lá. Ela já dormia no chão porque a cama servia para acumular seus objetos de prazer, à felicidade era momentânea, era somente no ato da compra depois o encanto ia diminuindo, diminuindo, porém se sentia presa, sem saída, o jeito era continuar acumulando isso era como uma profissão se sentia importante, se sentia diferente de todo mundo, o mundo deu as costas para ela o meio de chamar a atenção de todos era daquele jeito, tudo que conseguiu ter acumulando era como uma religião.

Entrou com dificuldades, acostumara com o cheiro, comeu um resto de comida que se encontrava dentro de uma latinha, pendurou o casaco em um cabideiro daqueles antigos, foi então que o casaco não deixou por menos:

— Ei, peraí, vai me soltar assim, nem me lavou ou passou, onde é que você acha que vai me deixar aqui nessa bagunça toda, eu pertencço à nobreza, vim de um passado distante para segurar este objeto que sempre foi meu e você pensa que já é dona dele?

O gato preto de rua que Matilde encontrou embaixo de um carro se esfregava em sua perna pedindo ração, a princípio se espantou pensou que delirava, seria o gato que agora travava conversa com ela ou seria sua demência por excesso de medicamento para controlar seu transtorno bipolar?

— Sai pra lá gato, acabou a ração, meu Jesus onde deixei meu remédio, não acho nada.

— Psiu, aqui no cabideiro sou eu o, sobretudo, sou eu quem fala com você. Matilde se benzeu várias vezes pensou que agora havia enlouquecido de vez, já não chegava o tempo como professora,

que ficou tão perturbada desenvolveu várias síndromes como do pânico. Depois achou que era a reencarnação de Jesus que ia salvar a humanidade porque depois de tantas perseguições se sentiu santa, purificada e deste jeito, teve uma alucinação achando que era Jesus e veio para salvar o mundo, seu médico desmentiu-a dizendo que ela era bipolar.

— Você não vai mais enganar, sai coisa do demo, eu não converso com espíritos, agora eu tomo fluoxetina e estou controlada viu? Respondeu para o casaco que agora se encontrava totalmente iluminado.

— Tudo bem faz de conta que agora sou a sua consciência olhe pra você, olhe no que você se tornou você que venceu um concurso de beleza se lembra? Virou esse caco velho. Vamos liberte-se a escola está melhor sem você lá seu brilho incomodava os outros vamos seja feliz, preso ao passado não há evolução levante esta âncora!

— O que você quer de mim? Deixa-me em paz. Não quero conversa! Ó, não to te ouvindo, lá, lá, lá, lá... Matilde tampou os ouvidos.

— Tudo bem durma amanhã nós continuamos, durma na companhia dos anjos... O casaco voltou ao normal. Matilde se entupiu de remédios e dormiu logo, no dia seguinte acordou cedo e sentia uma alegria desigual vestiu o casaco pegou a bicicleta e rumou comprar ração para os gatos. “Se lembra de quando você era mais magra, fazia escova nos cabelos, usava maquiagem, praticava esportes, cuidava de si mesma?” Novamente o casaco puxando conversa.

— Me deixa, olha que tacho fogo em você hein? Retrucou com o casaco numa voz gutural.

— Disse alguma coisa senhora? — o balconista se assustou com a palavra fogo tinha medo daquela mulher esquisita que toda vizinhança queria vê-la pelos binóculos.

— Nada não, quero dois pacotes de ração, eles estão famintos. — Matilde pagou e saiu.

Pedalou até a casa novamente e tratou dos bichanos, eles se atropelavam na fúria por comer logo, estavam sem comer muitos dias se alimentavam de restos dos lixos jogados pela desnaturada dona. ”Isso mesmo assim ninguém vai te denunciar por maus tratos aos animais...” disse o, sobretudo.

— Me deixa! Oras bolas. — Resmungou Matilde. Bateu a porta com força. Não tinha mais o que fazer foi revirar coisas no lixão lá encontrava mais objetos para entupir a casa, um fato curioso chamou a atenção dela achou um computador em bom estado catou o carrinho feito uma carrocinha igual dos catadores e dessa forma levou o artefato para casa. Mais que depressa instalou o equipamento e começou a mexer, tinha até Windows Seven, começou a escrever sem parar; cansada, sentou em uma cadeira de balanço e começou a recordar o passado o tempo que escolhia o namorado que queria bonita e atraente, sempre tinha aos seus pés quem ela quisesse, mas sempre via um defeito, ou o cara não tinha estudo e sem futuro, tinha mau hálito, bebia muito ou fumava muito, só queria se aproveitar ou ir pra cama, entre outros defeitos.

— Matilde leia o livro “Faça vibrar o seu coração” você vai sentir felicidade e prazer em ler.

— Até que enfim um palpite legal, tai faz tempo que não leio, vai lá.

Agora casaco e mulher começavam a se entender, foi tomar banho, se ajeitou no meio da bagunça e leu por horas até pegar no sono.

Dia seguinte, vestiu o casaco achou esquisito um isqueiro no bolso direito logo concluiu ser do antigo dono; e saiu precisava comprar comida, na fila do caixa encontrou a psicóloga que a acompanhava, ela se dispôs a ajudar Matilde a se livrar do lixo que havia acumulado por anos, entretanto, marcaram para o próximo final de semana.

Infelizmente não teve tempo para a boa ação da psicóloga, ao chegar a casa o fogo tinha tomado conta de tudo, os gatos conseguiram escapar, mas nada restaram da casa, somente restos carbonizados do que era um lar, Matilde sentou no chão, o coração a mil, não sabia o que fazer, ia começar agora tudo da estaca zero, a vida dela parecia não ter chão, o apego que tinha a tudo aquilo foi apagado, purificado pelo fogo.

— Vamos força amiga — vamos recomeçar uma vida nova — o casaco confortava o coração aflito de Matilde. Até hoje não se sabe se o incêndio foi criminoso ou devido ao acúmulo de lixo houve uma combustão espontânea, Matilde ficou num abrigo até conseguir reconstruir a casa com ajuda da vizinhança que se comoveram e arrecadaram fundos para uma construtora subir uma nova casa. Matilde livrou-se do casaco doando de volta para uma instituição de caridade, sua vida deu não só meia volta, mas uma volta inteira renovou-se começou a se arrumar, fazer novos amigos, começou a viajar, andar de asa delta, ajudar um orfanato e até dar palestras sobre sua superação e a escrever livros. O sobretudo? Ah, este começou a conversar com uma caixinha de música que se encontrava perto dele numa loja de usados até que um dia uma colecionadora veio comprar a caixinha que logo começou a dar palpites na vida da moça...

Cecília Torres Nogueira nasceu em 15/06/1965 na cidade de São Paulo, capital. Professora de português e inglês, pós-graduada em Literatura e Língua Portuguesa pela Unip, possui várias publicações de contos e poesias pela editora Andross e pela editora Illuminare.

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO

ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS

COMPROMISSO E SERIEDADE

LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 53 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

NÃO ESQUECIDO POR DEUS

por Roberto Schima

Conto

A tarde caía espessa e silenciosa feito um sopro ao apagar uma vela.

A Morte vagava a esmo pela floresta fria e úmida. Suas vestes em andrajos fundiam-se ao denso nevoeiro, tornando-o mais escuro. Algo a atraía para aquele lugar esquecido por Deus, mas o que seria?

Vagou por pântanos e charcos. E tudo silenciava a sua passagem. Quando tocava em alguma árvore, esta, imediatamente, perdia suas folhas, ressecava e transformava-se numa caricatura tétrica de garras apontadas para o céu.

Subitamente, a Morte ouviu algo. Vinha de lá adiante, atrás de um enorme carvalho, o qual era somente um vulto sombrio e imponente.

Caminhou para lá sem pressa, em seus passos de morte que mal tocavam o chão.

Então, atrás do tronco retorcido, coberto por líquens e musgos, avistou.

Era um recém-nascido. Fruto de um amor proibido, fora deixado ali para perecer.

Observou a figurinha miúda.

Nada surpreendente, vindo de um mundo onde as pessoas atiravam bebês no lixo, jogavam-nos do alto de edifícios ou despedaçavam-nos durante as guerras.

Vira exemplos de sobra do quanto se sentia desnecessária, enquanto havia tanta gente disposta a cumprir o papel que lhe pertencia. A humanidade sempre tão disposta a dedicar à Morte milhares e milhares de oferendas fosse através do punho de uma espada ou da ponta de uma baioneta.

O único gesto de piedade fora o de envolver a criança em um cobertor. Era azul e tinha estrelas amarelas. Pobre imitação de um céu noturno que aquele bebê não conheceria.

A Morte aproximou-se, pronta a cumprir àquilo que era a razão de seu existir: privar a existência alheia.

Tão simples.

Tão fácil.

Estendeu seus braços descarnados para o recém-nascido. Ao menor toque de seus dedos, a vida esvair-se-ia feito água a escoar por um ralo. Exalou o hálito fétido e gélido do eterno sorriso de suas mandíbulas.

"Venha..."

Inesperadamente, o bebê deixou de chorar e abriu seus olhos.

As mãos da Morte estacaram a poucos centímetros do rosto rosado. E o que fez a criança a seguir deixou a Morte de queixo caído: sorriu-lhe.

Ali estava a personificação da pureza. Era só entrega, sem nenhum temor. Era só esperança sem nada pedir em troca. Era o alento que nada temia, sequer a própria morte. E a ela oferecia-se mediante um sorriso de quem nada tinha a oferecer e, tampouco, a perder. Tanto era assim que estendeu seus bracinhos magros de encontro ao par de mãos descarnado.

Em vez de agarrá-la imediatamente, a Morte recolheu seus braços, petrificada.

Muitos gritaram.

Muitos choraram.

Muitos desesperaram.

Todos se arrependeram.

Mas quantos haviam-lhe sorrido?

Nenhum.

E, em seu interior estéril, escuro e gelado, algo ocorreu. Algo... acendeu.

E a Morte, a grande ceifadora da vida, apanhou o bebê pelo cobertor, evitando tocar-lhe diretamente na carne macia e morna.

E a criança flutuou para longe da mata, do pântano, da bruma e do frio penetrante.

Distante dali, uma campainha tocou.

A mulher rechonchuda saiu de trás de sua mesinha a poucos metros e foi atender.

Sentiu o ar frio e um odor pungente de algo ruim. Torceu o nariz. Tossiu. Abraçou-se ante o calafrio que a dominara.

Olhou ao redor e nada percebeu ou ouviu.

Seria impossível alguém tocar a campainha e sair correndo sem ser visto. A área era grande e não haveria tempo de esconder-se.

Tais divagações logo tiveram fim ao reparar no pequeno embrulho a seus pés e seu valioso conteúdo. Isso sim, era-lhe uma cena familiar. Afastou as cobertas e admirou o rostinho de joelho e os olhos brilhantes. Mãos pequeninas imediatamente agarraram-lhe o dedo.

E o bebê sorria.

E a mulher levou-o para dentro, fechando a porta alta e branca. Sobre ela, a placa dizia: "Orfanato..."

E a Morte, um pouco mais além, viu a porta se fechar.

"Vá!"

E afastou-se daquele lugar repleto
de vida e, sobretudo, de esperança,
fundindo-se à escuridão no apagar de
uma chama.

A noite chegou de mansinho.

Inúmeras estrelas cintilaram no céu.

E uma floresta fria, úmida e
apavorante, de um modo estranho e
inesperado, revelou-se um lugar não
esquecido por Deus.



Roberto Schima

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (Amazon, Clube de Autores, agBook), "O Olhar de Hirosaki" (Clube de Autores, agBook), "Os Fantasmas de Vênus" (Amazon, Clube de Autores, agBook) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

MISTÉRIO NA OBRA DO RESERVATÓRIO

por Míriam Santiago

Conto

Foi uma tarde inesquecível para o estudante do 5º ano do Ensino Fundamental Gabriel Marcondes, aluno da escola Estadual Marquês de São Vicente, localizada no Canal 2 do município de Santos.

Aluno assíduo e bem aplicado, o garoto desde pequeno fora sempre amante da natureza e apreciador de grandes monumentos e tudo o que fosse relacionado à arquitetura chamava a atenção do menino, que se deslumbrava com grandes edifícios e construções ornamentais. O que fazia a família de

Gabriel torcer para que ele fosse engenheiro ou arquiteto.

E na tarde de uma sexta-feira de agosto de 2002, dia em que alunos da escola foram visitar o Reservatório-Túnel Santa Tereza-Voturuá, entre a divisa de Santos e São Vicente que estava aberto para visitação, o garoto foi o que mais se divertiu e adorou o passeio.

Para os outros estudantes o reservatório não teve grande importância, pois gostaram mais de conhecer o Horto Municipal de São Vicente, que abriga um pequeno zoológico, parada obrigatória

para os visitantes porque o reservatório da Sabesp é dentro do parque, no alto do morro.

Gabriel foi subindo o caminho e já imaginando o que poderia encontrar ao final da caminhada.

Ao chegar à porta do imenso reservatório, o maior da América Latina, o menino mal sabia o que ainda teria pela frente e ele foi o primeiro a colocar as botas e capacete para entrar no equipamento.

— Vamos logo pessoal, quero entrar neste túnel e descobrir como é por dentro — dizia Gabriel, instigando os coleguinhas. Coloquem as botas depressa. — Não percamos mais tempo — ia retrucando aos demais.

O técnico de plantão escalado para a visita notara o entusiasmo do menino e ele recebera atenção especial do funcionário, que ia contando detalhes da grandiosa obra.

Desde a entrada do túnel Gabriel ficara fascinado. Um a um os alunos foram entrando no reservatório e caminhando por poças d'água, observavam os técnicos fazer a limpeza do recinto mesmo com a escuridão do local.

Escavado dentro da rocha, uma tubulação enorme divide o espaço, que tem altura de 18 metros, o equivalente a um prédio de seis andares.

Como poderiam ter construído isso, pensava Gabriel, que falava sozinho admirando a grandeza. O técnico conduzia a turma e contava as curiosidades da construção.

— Essa pedra enorme que está aqui no caminho caiu depois que o reservatório estava em uso e só fomos descobrir dois anos depois, período em que é limpo — falava o homem.

— Uma vez após limpeza, quando tudo isso aqui já estava cheio de água, — informava o homem, dizendo que o local tem 262 metros de comprimento só do lado de São Vicente, — um macaco pulou de alguma árvore e entrou aqui, saltando na água. Ele nos deu um tremendo trabalho, pois tivemos que esvaziar novamente para tirar o bicho, limpar e encher tudo de novo. — Ia relatando o técnico.

Ao final do túnel uma porta redonda sinalizava mais coisas.

— Essa porta aqui — falava o empregado, está represando a água que está do outro lado, que é a continuação do reservatório do lado de Santos, o Santa Tereza e se eu abrir a porta, com a pressão, todos nós morreríamos, disse o homem, que fez os alunos gritarem de pavor em meio à escuridão.

Após a visita Gabriel radiante e maravilhado com tudo o que aprendera sobre a importante obra que garante o abastecimento de água para as cidades de Santos e São Vicente depois de novembro de 1981, ano em que o reservatório entrou em carga, o menino só falava do passeio e das coisas que aprendera. Lembrou-se do avô, que estivera na construção do reservatório e foi ter com ele no dia seguinte para saber mais histórias.

— Vovô, ontem eu fui conhecer um lugar onde o senhor trabalhou. — Suspirava Gabriel ao se lembrar do passeio. — O funcionário falou de mistérios no local. Acrescentou o menino.

— O funcionário não estava lá desde o início. — Dizia o avô, um homem de 75 anos e que estivera na construção do reservatório.

— Me conte sobre a obra. — Falava Gabriel.

— Estávamos no ano de 1979, quando a região passava por grande falta de água. Então os engenheiros da Sabesp resolveram escavar as rochas e fazer, do topo do morro, um reservatório que pudesse abastecer Santos e São Vicente.

— Ia contando o avô. — Mediram, somaram e viram que conseguiriam cavar um túnel e construir o reservatório lá dentro, que demorou dois anos.

— Vários operários e engenheiros subiam e desciam pelo morro, em baixo de chuva e de terra. Os engenheiros não ligavam para os rumores de alguns moradores próximos dali, de que o lugar era aterrorizado por alguma coisa.

— A construção estava a todo vapor e na etapa de abertura de uma calota na parte superior do túnel, foram empregados 420 quilos de dinamite por dia. O barulho era estrondoso, e retiravam 38 mil metros cúbicos de rocha por mês.

— Certa noite, jantávamos no alojamento quando começou a soprar forte o vento, arrancando a fiação e nos deixando no

escuro, apenas com a luz do fogão. Não estavam todos os funcionários da obra, que haviam descido para outros fins.

— O medo acometeu a todos. Corremos para pegar as lanternas, mas as mesmas desapareceram do nada. Fizemos então uma fogueira com restos de troncos e folhas. O silêncio tomou conta de nós. Escutamos um estrondo vindo de dentro do túnel e pedras começaram a rolar de dentro dele quase nos atingindo.

— A gritaria foi geral e os operários indefesos e apavorados, mesmo no escuro começaram a descer o morro. Alguns escorregaram e se machucaram, mas não pararam.

— Nisso escutamos sons estranhos e troncos sendo arrastados e atirados a nós. A coisa conseguiu pegar alguns operários, que gritavam em sofrimento.

— Pelo barulho a criatura deveria ser grande e forte, pois conseguiu agarrar os homens. Na correria, levei um tombo e quebrei o pé. Sem gritar para que não fosse descoberto, me arrastei até um arbusto e fiquei escondido.

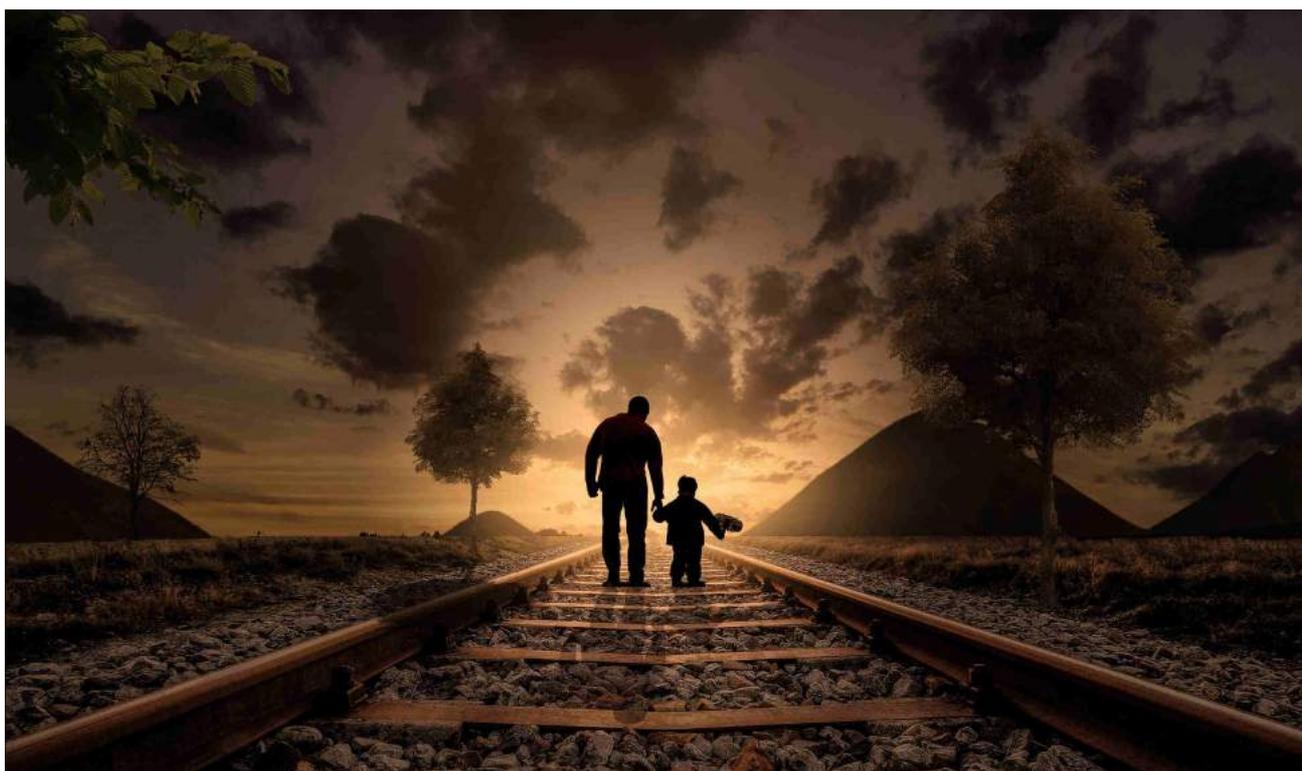
— Os gritos cessaram e eu não sabia o que fazer. Resolvi ficar quieto onde estava até amanhecer. Nisso, escuto passos pesados arrastando a areia e se aproximando de onde eu estava. Sozinho, comecei a tremer da cabeça aos pés. O barulho se aproximava e foi ficando mais perto até que a folhagem que me encobria foi tirada brutalmente. Com um grito abafado, desmaiei e não vi mais nada.

— No dia seguinte acordei cheio de lama, com as roupas rasgadas e o corpo todo dolorido. O alojamento estava em polvorosa. Havia sangue pelo chão e restos de roupas. Dos 50 homens, três haviam desaparecido e nunca mais se soube nada sobre eles.

— Nossa, vovô, o senhor me matou de medo, disse Gabriel, com os olhos arregalados e pálido. — Como acabou essa tragédia?

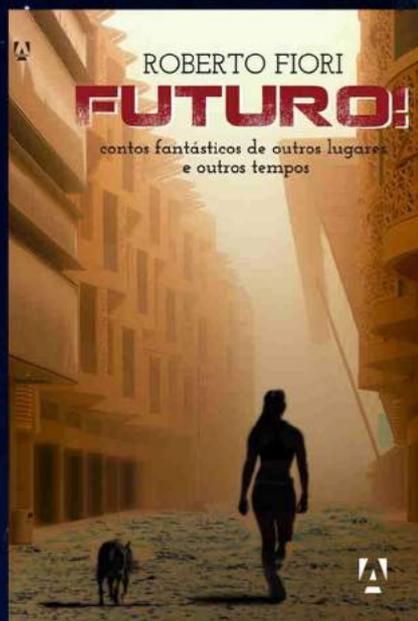
— Em muita investigação que não levou a nada, disse o avô. — A polícia falou que estávamos bêbados e que causamos tudo aquilo. O certo é que ninguém soube o

que realmente aconteceu naquela noite. A obra foi terminada, recebemos e ficou tudo por isso mesmo. É como diz o pião de obra, voltaram para o Nordeste. Se despedindo do neto, o velho trancou-se no quarto. Calmamente largando a bengala o avô se aproximou do espelho da cômoda. Do outro lado, não refletia mais a imagem do idoso, que agora aparentava mais novo e revigorado. Radiante, o homem ocultava a real identidade, bem diferente da história que contava e muito bem “escondida” por trás da aparência de um velhote!



Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



ESTRADA DO ENGENHO NOVO, 2045

por João Gomes Moreira

Com a edição do conto: "Estrada do Engenho Novo, 2045" na coletânea In Longwood's Tavern & other tales of Love and War. (English Edition) o autor foi indicado ao Prêmio de Ficção Científica nos USA em 2018. Os Nebula Awards são votados e apresentados por membros ativos da Science Fiction e da Fantasy Writers of America, Inc.

Conto

“O grande programa do super-homem, portanto, estava pronto. Tratava-se de um abrangente reforma que procurava dar um senso de propósito a uma existência na terra abandonada pela deidade. Os interesses de poucos deverão ter proeminência sobre os demais, a força do espírito sobrepujará a fraqueza, a saúde do espírito sucederá qualquer tibiez, a guerra dos espíritos substituirá a paz.” Friedrich Nietzsche In: - Assim Falou Zaratustra, 1815.

O palestrante estava na sala falando sobre as possibilidades maravilhosas advindas das Ciências da Computação. Com o notebook aberto e acoplado aos fios do projetor de vídeo, ele já havia discorrido sobre a trajetória desde os primeiros trabalhos de Pascal, Babbage, Von Neumann, Turing, Wiener e McCarty. O palestrante tinha um aspecto fantasmagórico porque as imagens, sua coloração e os textos oscilavam a medida que os slides eram projetados na parede. Enquanto com prazer fazia sua apresentação e chegava até aos trabalhos e pesquisas de Negroponte, Chandaputra e Pinski; e, não percebeu que já passava muito das 23 horas daquela sexta-feira.

Embevecido ao percorrer esse mundo de descobertas — um mundo de sonhos — não se deu conta de que gradativamente os alunos foram se retirando da sala de aula e ele ficou só. Embalado por suas próprias palavras; já estava encerrando quando o guarda passou e deixou a chave da sala na porta. O leve rumor da chave no tambor não foi motivo para distraí-lo, pois estava absorto nas incríveis possibilidades que a cibernética levaria o homem a posição de pós-humano o “super-homem” profetizado por Friedrich Nietzsche. O guarda noturno, homem rude, formado e conformado com sua história e vida de periferia, não suportava ficar esperando esses “intelectuais com suas manias de grandeza”. “O professor que fechasse e

levasse a chave para a portaria! Não posso perder tempo com estes esnobes!” Ligou novamente a moto e retornou a portaria. Aquele era o prédio das Ciências Exatas e ficava bem longe da portaria central do campus. “Alias a Sessão Super Tela de hoje está espetacular!” Lamentou o vento cortante do princípio de junho e desejou estar em sua velha Olinda. No penúltimo slide o professor foi surpreendido por uma pergunta:

— Mas professor esse é um raciocínio analítico que privilegia apenas o pensamento. A formação de intelecto humano não se resume apenas a isso.

— Mas o sentimento é uma abstração ou quiçá oximoro. Na verdade é o pensamento traduzido em energia físico-química. As leis da causalidade...

— Mas professor a consciência do homem já pode ser transmitida para uma máquina?

— Creio que isso é possível. A consciência é, na verdade, um programa de computador. Uma simulação genética. Algo que ainda parece que foi desenvolvido pela ação dos fenótipos e que por incrível que pareça permanece em nossa mente. Talvez, decorrente do instinto de sobrevivência da espécie.

— Mas existe uma corrente que afirma que é impossível transmiti-la porque ninguém conseguiu encontrar, dentro do cérebro, o local exato onde está a consciência ou senso moral?

— Questão de tempo minha cara. Aqui o professor hesitou um pouco. Esta voz



não lhe era familiar e pensando que era uma aluna ouvinte perguntou?

— Você frequenta o curso de filosofia...

— Não. Fazia Artes mas desisti. Os primeiros anos tinha muita teoria e eu queria algo mais prático.

Ele acendeu as lâmpadas e deu por encerrado sua aula. Ficou um pouco surpreso com a sala vazia com apenas aquela mulher ruiva assentada no centro da sala.

Olhou mais uma vez para a sala deserta e para o saguão do prédio com poucas luzes acesas e pensou: "é meu velho, é mais tarde que você pensa!; uma lufada de ar frio adentrou a sala e ele estremeceu. Agora ele se sentiu realmente só. Entretanto a voz da mulher transmitia simpatia, certo calor. Arrumou seu material e preparou-se para sair. A mulher levantou-se, vestiu o sobretudo e sorrindo se aproximou da mesa do professor e disse:

— Pode me dar uma carona? Acho que não tem mas ônibus nesta hora.

— Ok. Tudo bem.

Mauro Silva-Lima agora segue para o carro e conversa amenidades com a jovem. A voz dela apesar de ter certo tom caloroso apresenta algo misterioso. Algo indistinguível, num primeiro encontro, digo num primeiro contato. Seguiu pela via Al-Rahchid, Al-Khowarizmi e depois a Omar Al-Khayam. Ao entregar a chave ao guarda, este alerta:

— Boa Noite... E cuidado! Hoje a lua está azul.

— Ok. Bye.

Virou para a mulher, Samantha e perguntou é verdade?

— Não sei. Pode ser. É só pegar um papel-celofane colocar na janela e pronto! Você pode ter a lua que quiser!

Ambos riram.

Depois de meia hora o professor perguntou qual é o endereço de Samantha e ela diz:

— Estrada do Engenho Novo, 2045.

— Mas isso é impossível. Este é o endereço do Laboratório de Inteligência Artificial!?

— Sim. Foi lá que eu nasci e é lá que eu moro. Papai é Proteus 2020. vovô é o Doutor Shri Venkateswaran, somos filhos da razão. Por isso podemos aprender muito, mas não conseguimos amar.

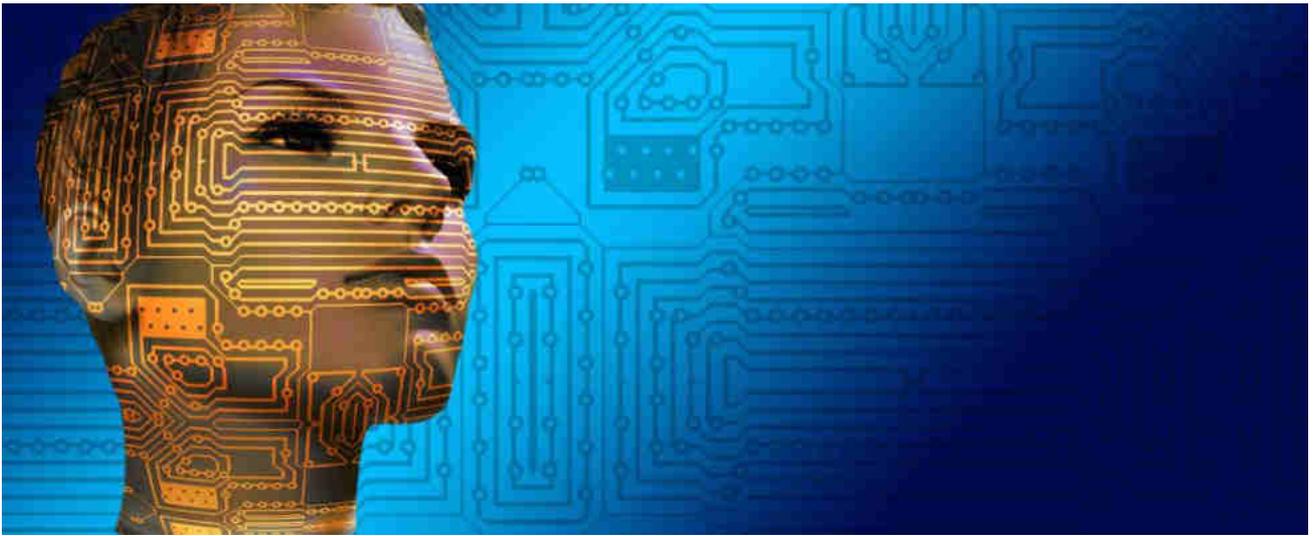
Estarrecido o professor parou o carro de repente. Suando frio. Lembrou-se daquele sentimento de solidão que o invadiu antes em sala durante a aula. E Samantha prosseguiu:

— O senhor faz um excelente trabalho.

Não se preocupe. Precisamos de cientistas como o senhor. E alguns indianos. Testamos coreanos e norte-americanos, mas eles são difíceis. Os latinos são mais acessíveis. Ao ouvir isso pregado, imóvel no banco o professor catedrático de Engenharia da Computação se lembrou das lendas da Torre de Babel, dos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau,

Dachau, Camboja e Vietnã e uma lágrima brotou de seu olhos. “... a humanidade, por fim inventou sua máquina do juízo Final”.

— Quantos vocês são?
— Por enquanto apenas uma legião. Sou um modelo 2021, e o senhor será meu objeto de experiência.



João Gomes Moreira

Doutor em Data Processing pela AWU; Membro da Academia de Letras de Rondônia; Autor de: "O Vingador do Sangue", 2016. Disponível em:

<https://www.clubedeautores.com.br/livro/o-vingador-do-sangue#.XKO2bVVKiM8>



Traveling Between Pages

www.travelingbetweenpages.com.br

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



www.livreando.com.br

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando



A MÃO

por Gilmar Duarte Rocha Produções

Conto

A mão caminhava aceleradamente pelo terreno pantanoso. Sim, a mão caminhava. Bem verdade que caminhava com dificuldade sobre o solo lamacento, mas caminhava. Usando os dedos anelar e indicador como pernas. A mão tinha pressa em chegar ao seu destino; a mão suave; a mão se desesperava; a mão estava aflita, pois deixara o corpo do qual fazia parte agonizando a uma centena de metros atrás e corria em busca de socorro para libertar esse mesmo corpo que ficara preso embaixo de um tronco de árvore, depois de um grave desabamento de terra

no morro onde outrora havia uma grande floresta. O tempo urgia e cada minuto era precioso para o resgate com vida do seu corpo irmão que sangrava muito. A mão, a muito custo, com as unhas dos dedos em frangalhos, venceu o pantanal; atravessou uma aleia repleta de troncos caídos, gravetos e pedaços de pedra e divisou uma mansão bem no centro de uma grande depressão relvada e bucólica. A mão balançou todos os dedos em sinal de alívio e esperança. Certamente a mão deduziu que alguém naquele palácio teria condições de prestar socorro imediato ao seu organismo associado. A mão desceu

a ladeira em debandada e alcançou o gramado reto, macio e adornado. Aproximou-se da casa; fugiu do alcance dos cães que vigiavam o egrégio patrimônio e subiu a escadaria pela parte dos fundos. A mão parou em frente à porta e notou que ela se encontrava fechada. O sol começava a se esconder no horizonte e a noite inevitável por certo dificultaria o trabalho de resgate do ser univitelino.

A mão tinha o recurso de bater na porta e bateu. Bateu forte e repetidas vezes. De repente um garoto em torno de dez anos, branco, bonito, rosado e bem-cuidado abriu a porta bruscamente e tomou um susto estrondoso quando viu uma mão solitária desgarrada do corpo.

Instintivamente, o garoto bateu em retirada gritando aos berros. A mão, assustada, porém, resoluta no seu intento, não recuou, entrou na magnificente mansão e se escondeu embaixo de um móvel gigantesco:

“O que você viu mesmo, meu filho?”, perguntou a mãe do garoto, uma senhora alta, esbelta e jovial.

“Uma mão andando, mãe”, disse o garoto.

A mãe não vendo nada na soleira da porta, na área externa e onde a vista dela alcançasse, balançou a cabeça e pensou: “esses meninos...”. Depois, determinou:

“Chame sua irmã urgente pois temos um compromisso agora. A festa do filho do ministro Pompeu já começou. Rápido! Peça que ela desça logo. Estou indo para o carro”.

A mão, debaixo do móvel, viu e ouviu tudo. A mão, inexplicavelmente, adquiria os sentidos que só o seu corpo irmão — que agonizava na mata — os possuía.

Ela pensou (a mão também pensava) em abordar a senhora que saía apressada de casa, levando com ela os dois filhos, uma menina adolescente e o garoto que viu a mão há poucos instantes, mas a mão não conseguia falar. Ainda. Vendo que a mulher partia célere num imenso jipe, que seguia por uma estrada de pedras portuguesas, desaparecendo em poucos instantes no alto da colina, a mão ficou exasperada. Quem poderia ajudá-la?

Haveria mais alguém naquela casa? A resposta não tardou: ela ouviu que uma pessoa gritava ao telefone no andar de cima. Era voz de homem; deveria ser a voz do chefe da família. A mão, então, ainda mais determinada, correu em direção ao local de onde vinha a voz.

Subiu os degraus de uma escadaria majestosa e alcançou o segundo pavimento, sempre se guiando pela voz que aumentava de intensidade à medida em que ela avançava. De repente, a mão encontrou o dono da voz após adentrar numa imensa dependência, repleta de parafernálias eletrônicas do chão ao teto. O homem conversava de frente à ampla janela, de onde se via o sol poente, explodindo em cores laranja, magenta, carmim e violeta. O homem falava com alguém em voz alta, mas não usava telefone:

“Não e não. Hoje mesmo vou ligar para o governador, se possível ligo para o presidente. Vamos ter que expandir o

minério da Me, Mine & Minning custe o que custar. Esse desmoronamento que ocorreu perto da mina derrubou 14 pontos das ações da minha companhia na bolsa de valores”, o homem, que trajava roupão de cetim vermelho e pantufas, virou-se para um imenso painel pleno de luzes e gráficos, que piscavam e tremeluziam o tempo todo. Continuava falando: “Não importa o que o sindicato e o procurador dizem. Compro o procurador e sufoco o sindicato. Não vou perder mais dinheiro e ponto final”. O homem interrompeu bruscamente a ligação e correu para o computador de última geração. Enquanto apertava algumas teclas, sentia uma coceira nos seus pés. Continuava a teclar com intensidade e não se incomodava com aquela comichão. Até que uma vozinha soou: “Senhor, me escute. O meu corpo irmão está morrendo embaixo de uma árvore”. Sim, era mão que falava. De repente, a mão também adquiriu a capacidade de falar. Mas o homem, de tão concentrado que estava nos negócios, não ouviu nem mesmo a súplica da mão. A mão, então, aumentou o tom da voz e gritou como um Tarzan. O homem, por seu turno, volveu a cabeça para baixo e tomou um susto estupendo quando viu que a voz emanava de uma solitária e angustiada mão.

“Quem é você? O que queres, coisa?”

“Ajuda, senhor. O meu corpo irmão está à beira da morte preso embaixo de uma árvore. Está num local ermo e dificilmente os brigadistas o encontrarão”.

O homem deu uma risada sonora e reluzente e retornou ao exercício de teclar e conferir números. Os olhos dele refletiam cifras na tela. A mão ficou desalentada. A mão queria chorar; mas não conseguia chorar; ficou num canto e caiu, desolada, em prantos.

Aconteceu que havia um aparelho de televisão ligado no quarto da ganância e o noticiário das 18:00h reportava:

“Última vítima do desmoronamento no complexo de serras próximo à mineradora Me, Mine & Minning foi encontrada sem vida num ponto isolado da floresta. Era uma pessoa do sexo masculino, que estava presa embaixo de uma gigantesca árvore que tombou durante a avalanche. Segundo os paramédicos, ele faleceu por hemorragia devido ao atraso no socorro médico. O corpo da vítima estava sem a mão direita e o órgão não foi encontrado em local algum após intensa busca por parte dos brigadistas”.

A mão, inusitadamente, não chorou com aquela notícia. A mão também tinha o sentimento da ira. Sabendo que possuía uma enorme habilidade em coisas especiais, ela caminhou, furtivamente, com dedos tortos, até o local onde o homem se deliciava e delirava com gráficos e número; deslizou como um réptil pela parte de trás do espaldar da cadeira e cravou os dedos, tal qual as garras de uma águia, no pescoço do homem.

O homem assustado, sem saber quem o estava atacando, se levantou e tentou a

todo custo retirar aquelas garras afiadas, que pareciam lâminas rasgando o seu pescoço e o deixando sem ar. O homem se debatia, urrava, depois guinchava apenas; foi ficando roxo, depois transmutou-se em negro; a vista escurecia, a cabeça rodava e o ar e a visão faltaram de vez.

Pronto.

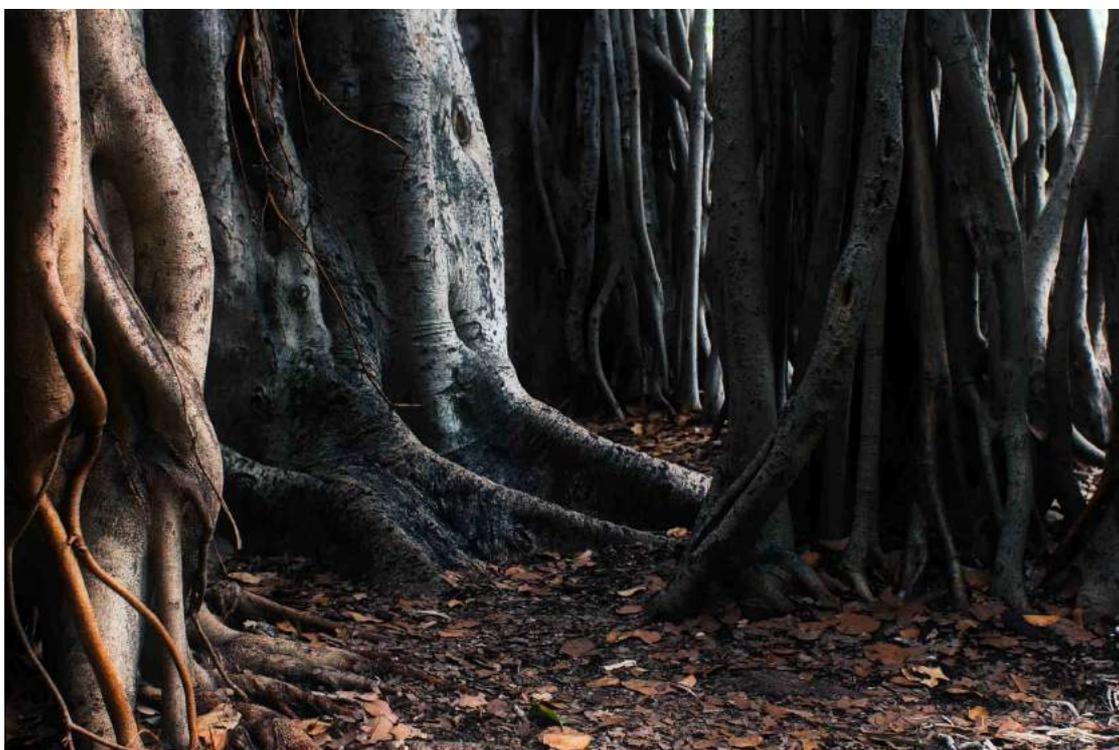
Alguns minutos depois, a mão caminhava, de forma capenga, em

direção da Capela de Santo Isidro, na cidade ali bem perto, para se encontrar com o corpo irmão morto, que estava sendo velado naquela noite triste e sombria.

Saiu da mansão sem deixar rastros.

Deixou apenas números e cifras tremeluzentes que despencavam nos monitores e consoles como pedras que rolam montanha abaixo após um gigantesco desabamento.

Direitos Reservados



Gilmar Duarte Rocha, escritor brasileiro, nascido na região cacauzeira da Bahia, autor de obras de ficção, livro de impressões de viagem, artigos, crônicas e coletâneas publicadas em diversas revistas literárias, propõe-se a criar um novo estilo de fabulações, juntamente com outros artistas que conjugam do mesmo pensamento. Integrante da ANE-Associação Nacional de Escritores e IWA-Associação Internacional de Escritores, sediada em Ohio, Estados Unidos, está aberto a ideias que promovam uma maior integração da sociedade com os livros e com a mídia de ficção de forma ampla. Nosso objetivo maior é trazer uma gama de milhões de brasileiros para o universo literário.

Gilmar tem formação em Engenharia de Sistemas, Tecnologia da Informação, Economia e Contabilidade.



TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com



@Tomoliterario



@Tomoliterario



Tomo Literario

Lançamentos

Resenhas

Escritores

Indicações



TIO VAMPIRO

por Roberto Schima
Parte II

Conto

15 - O "JARDIM"

Após a sessão de filmes e desenhos, e depois de almoçar — dessa vez, Tio Vampiro encomendara um "marmitex" ao telefone —, Christopher acompanhou o velho até o jardim ao lado do sobrado. Em verdade, fora idéia do tio-avô. O menino recobrou sua voz e a curiosidade, destilando-as numa série interminável de perguntas. Levá-lo para ver as plantas foi o jeito encontrado a fim de mantê-lo calado e próximo à vista.

— Meu jardim não é convencional — falou, enquanto levava um saco de terra no carrinho de mão.

Christopher seguiu-o alguns passos atrás, carregando-lhe os apetrechos de jardinagem no balde. Ofegava um pouco por causa de uma sacola cheia de seixos que seriam utilizados para decoração.

O jardim em si era pouco comum. Era cercado por um muro baixo, de forma a permitir ao tio-avô sentar-se em sua borda sem ficar completamente agachado. O interior desse retângulo fora preenchido com terra, areia e calcário, ficando acima do nível do solo. Em seu centro, plantou uma árvore.

— Ponkan — explicou o tio-avô.

Ao redor, plantara arbustos de boldo, capim-limão e melissa. Outros

espécimes cresceram espontaneamente, trazidos por pássaros ou pelo vento: samambaias, trepadeiras e toda sorte de erva daninha que, aos olhos do velho, eram tudo, menos daninhas. Apontava para as flores de uma delas, as quais lembravam pequenas margaridas. Na trepadeira, pequenas flores amarelas desabrocharam ao amanhecer e, agora, fechavam-se lentamente.

— Por que o senhor deixa esse mato crescer?

— Não é mato — retrucou Tio Vampiro, erguendo as sobrancelhas. Detestava o tom pejorativo dessa palavra. Ajeitou alguns seixos em um dos ângulos do jardim. Lá, havia uma pedra grande coberta de musgo, lembrava uma montanha em miniatura. — É vida, Christopher, vida! E quer viver. Veja! Suas flores atraem pequeninas abelhas, borboletas e outros insetos. Como pode ser mato algo que beneficia tantas criaturas? Algumas sementes grudam nas calças; outras, propagam-se pelo vento até longas distâncias. A natureza é pródiga em maravilhas.

— Por que não corta direito?

O velho olhou de um modo estranho para o sobrinho-neto. Pelo visto, cometera um engano: as perguntas não terminariam, somente tinham mudado de cenário.

— Sei o que pensa. Não é preguiça ou desleixo. Bem, talvez um pouco de cada. A verdade é que eu tenho dó das plantas. Cada poda que sou obrigado a realizar, pergunto-me se o pedaço que cortei não poderia brotar, caso plantasse em outro lugar. Em caso afirmativo, parte-me o coração ter que jogar fora. É vida! Quer viver, Christopher. O boldo é um caso típico. Um pedacinho dele que você parte, se colocar em um copo

d'água logo verá criar raiz e começar a brotar. Sem contar que o chá de suas folhas é um ótimo remédio; horroroso, mas eficaz.

Foi colocando punhados de terra adubada aqui e ali.

O menino reparou quando o idoso, propositalmente, evitou jogar terra em cima das formigas. Apontou para elas.

— Não comem as plantas?

— Essas aí não, porém, mesmo se fizessem, elas precisam comer, não precisam?

— E querem viver — disse o garoto.

Tio Vampiro anuiu.

— Exatamente! Venha, ajoelhe-se aqui.

O menino posicionou-se ao lado do velho.

Sobre a mureta, uma formiga solitária fazia sua ronda.

Tio Vampiro apanhou o bebedouro para beija-flores e derramou algumas gotas do líquido açucarado perto do inseto. Logo, ele as farejou. Examinou aqui e ali, agitou suas antenas, caminhou de um canto a outro, avaliou, provou, e, depois, disparou.

— É uma batedora. Agora, avisará suas companheiras.

De fato, não tardou para ela — talvez fosse "ele", afinal, eram todas iguais — e uma fileira de formigas aparecerem e começarem a sugar o alimento. Quando viam-se satisfeitas, retornavam para o formigueiro, ficasse onde ficasse, sendo substituídas por outras e mais outras.

E o velho ia contando sobre o ciclo de vida desses insetos, a função de cada uma na colônia, as variedades, a

organização e quão antigas elas eram no planeta.

— Chegue mais perto.

O menino obedeceu.

Tio Vampiro continuou:

— Imagine-se no lugar de uma delas, Christopher. Você é uma formiga. Como seria o mundo ao redor visto pelos olhos dela? Você está incursionando pelo terreno do jardim, em meio às plantas, às rochas, ao tronco caído, às folhas mortas. Como pareceria?

O garoto franziu a testa, pensativo.

— Seria como... como estar em uma floresta enorme.

— Isso! Para nós, é só um pedaço de chão de quatro metros quadrados. Mas, para elas, é uma selva de gigantes, parecida com aquela em que os dinossauros viviam milhões de anos atrás. Qualquer irregularidade na terra são morros e colinas, os arbustos são sequóias, as pedras fazem o papel de montanhas.

Christopher deixou-se levar pela imaginação. Viu tatuzinhos, centopéias, aranhas, besouros e minhocas. Toda uma comunidade entrelaçada, vivendo suas vidas, ignorando a ele e a seu tio-avô. Para esses bichinhos, eles eram tão gigantes e poderosos quanto as maiores forças da natureza.

— Somos tão grandes que mal se dão conta de nossa presença. Foge-lhes a compreensão que possam existir criaturas tão enormes quanto nós.

Christopher sempre vira a si próprio como um garotinho frágil, tímido e mirrado — o que certos colegas na escola, ou Jonas, sabiam explorar e ridicularizar muito bem —, todavia, pela perspectiva apontada pelo velho, um poder fabuloso cabia em suas mãos. Para o menino, as formigas sempre foram

motivo de indiferença ou — embaraçava-o reconhecer — de judiação, matando-as sem pensar duas vezes. Agora, ao observá-las detidamente e ao que faziam, elas ganharam uma importância que não sabia avaliar. Igualmente, o tio-avô falou sobre a polinização das abelhas. Lamentou delas estarem desaparecendo em razão do uso de pesticidas e o desmatamento. Tirou de seu bolso um vidro de mel e despejou um pouco sobre uma pequena plataforma de plástico. Quase imediatamente, surgida não se sabe de onde, veio uma abelha e repetiu um ritual semelhante ao da formiga. Christopher ficou alarmado.

— Não tenha receio. As abelhas não fazem mal, pelo contrário.

— O ferrão...

— Elas irão tratá-lo bem, se você as tratar bem. O ferrão é a última alternativa, pois se elas utilizam-no, morrem pouco tempo depois — e explicou o porquê. — As abelhas vivem pouco mais de um mês, entretanto, que vida laboriosa! Certa vez, apanhei uma delas no chão, moribunda. Havia completado o seu ciclo de vida e agonizava. Coloquei-a sobre uma flor para que tivesse um final mais digno e sereno em vez de ser retalhada pelas formigas ou pisoteada por mim sem querer. E não é que ela, imediatamente, pôs-se a vasculhar a flor atrás do néctar? Estava morrendo e, ainda assim, desejava prosseguir em sua missão. Virei-lhe as costas para não vê-la morrer, sentindo minha admiração pelas abelhas aumentar ainda mais. Em breve, seus restos retornaram à terra para alimentar as plantas.

— Ela queria viver — disse Christopher, penalizado.

— Sim, ela queria viver. — E lançando um olhar em volta do pequeno jardim, murmurou: — Assim como a vida traz dentro de si a semente da morte, a morte pode ser uma fonte de vida. Ela continua a existir nas plantas que alimentou.

Mirando o aspecto envelhecido do tio-avô após, distraidamente, observar um caracol, Christopher indagou:

— Tem medo de morrer, tio?

— "Medo de morrer"? Não... Morrer é descanso, o cruzar a ponte, fim da viagem. Eu não me vejo morrendo de velhice, por mais velho que seja. Quando o dia chegar, juntar-me-ei as minhas memórias, assim como farei parte das suas. Voltarei para casa.

O menino fitou o velho por um tempo, sem dizer palavra.

Tio Vampiro, agora distraído em colocar água açucarada no bebedouro dos colibris, não se deu conta disso a princípio. Quando percebeu, espremeu os olhos por trás dos óculos.

— O que foi?

Christopher chacoalhou a cabeça.

— Nada. Só pensei que tia Cris teria gostado de conversar com o senhor.

— "Tia Cris"? Não me recordo de seus pais terem uma irmã com esse nome.

— Tia Cris, minha professora — explicou. E, num tom de que era um lugar tremendamente distante, acrescentou, solene: — Ela é de São Bernardo do Campo. Ensina de tudo. Adora plantas, contar histórias, de *Jornada nas Estrelas*¹...

— Ela gosta de *Jornada nas Estrelas*?

— Gosta.

¹ *Star Trek*, NBC, 1966/1969.

— Hum, creio que gostaria de tê-la conhecido também.

E as horas passaram. Sem que o próprio Tio Vampiro desse conta, em dado momento, as perguntas do menino não mais incomodavam-no.

16 - HISTÓRIAS POR CONTAR

Finalmente, chegou o dia de Christopher retornar para casa.

Sua mãe telefonara dizendo que, breve, chegaria para apanhá-lo.

As brumas que toldaram seu espírito assim que pusera os pés naquela casa estavam prestes a dissipar.

Que alívio!... Não era?

Estranhamente, enquanto arrumava suas coisas — do seu jeito, bem entendido — nas malas, ele não se sentia mais tão ansioso por partir.

Os cantos escuros não o abalavam tanto. Nem o cheiro de papel envelhecido.

Quanto aos ruídos, o enigma encerrara-se através de uns pedaços de queijo — sem ratoeira.

As pesadas cortinas tinham sido abertas e a luz do Sol penetrava abundante na sala.

Havia tantas quinquilharias nas prateleiras cujas histórias ele desconhecia!

E quanto àquele livro, *Histórias de Fantasmagorias*? Sequer tivera a oportunidade de conversar sobre isso com o tio-avô. E o texto na escrivania a falar sobre o tempo? Tio Vampiro prometera deixar o menino observar os arredores através da luneta, entretanto, não houvera tempo. E o carrinho de lata? E os fósseis? E os calendários de bolso? E os fragmentos de quartzo? E os chaveiros? Tanta coisa por saber, aprender e explorar no que, agora,

considerava uma espécie de baú de tesouro assombrado.

Pensava nisso a medida em que descia a escada em caracol. Seu tio-avô seguia na frente, levando a bagagem. Não havia marca de dentada em seu pescoço.

Logo, o antigo sobrado tornaria a mergulhar no silêncio.

— Tio?

— Sim?

— Por que mora sozinho?

— Você é incansável em suas perguntas — retrucou sem contrariedade. — Deixe-me colocar as malas aqui perto da porta. Vamos deixá-la aberta para entrar ar. Também poderemos ver o carro de seus pais.

Christopher mirou adiante, à direita, na direção da colina, do túnel de árvores e suas copas emaranhadas. Julgou que o tio iria ignorar suas perguntas. Enganou-se.

— Conforme dizem: é melhor estar sozinho do que em má companhia. Sou um velho ranzinza, cheio de manias. Duvido que alguém iria se acostumar. Mas, principalmente, duvido que eu iria.

O menino lembrou-se da expressão "incômodo" utilizada por sua mãe.

— Eu sou má companhia, tio?

Prontamente, o velho discordou:

— Pelo contrário, você foi a melhor companhia que eu tive em anos. Oh, mas, não se preocupe, eu não cometeria o erro de devolver-lhe a pergunta. Você fez-me ver que o meu apreço pela solidão tem um lado ruim, todavia, de um modo geral, o preço a ser pago por uma má companhia é muito mais alto. Dá para se contar nos dedos, no decorrer de uma vida, o número de pessoas que valem a pena. Estou ciente de que, para os outros, não sou uma

delas. Uma parte de mim ressentia-se de sua partida, outra diz ser melhor a você não se demorar aqui a fim de não pegar maus hábitos.

O velho postou-se em sua poltrona, sem apanhar a autobiographia de Chaplin.

O sobrinho-neto ficou no seu canto do sofá, subitamente suspenso em um lapso de tempo.

Então, tomado por um súbito impulso, Tio Vampiro levantou-se. Apanhou a luneta, alguns livros e gibis e pôs em uma sacola. Entregou-a ao sobrinho-neto.

— Leve para você. As revistas são para distraí-lo. Os livros, leia algum dia, quando for maior. Já a luneta é para auxiliá-lo na vida a enxergar mais longe.

Christopher agradeceu e abraçou a sacola.

Sete dias se passaram.

Ele sobreviveu à provação.

Os olhos do velho estreitaram-se. Ajeitou os óculos.

— Seus pais chegaram.

17 - DESPEDIDA

A mãe de Christopher mostrava-se tão reticente quanto da vez anterior em relação ao tio.

Ainda na varanda, o menino observou o montículo mais abaixo onde, um dia, ficara um poço. Tentou imaginar a mãe no tempo de menina a correr por ali. Achou esquisito. Curioso, nesses poucos dias, soubera mais a respeito dela do que esta contara-lhe durante toda a vida.

Mais uma vez, a mãe debruçava-se em agradecimento.

— Mu-muito, muito obrigada, tio Francisco.

— Não há de quê — respondeu o parente mais velho, novamente assumindo uma postura taciturna.

— Desculpe o trabalho que ele deu.

Para surpresa da sobrinha, o velho respondeu:

— Trabalho algum. Foi a melhor companhia que eu poderia desejar.

— Fo-foi? — balbuciou a mulher, incrédula.

— Eu não poderia pensar em outra.

Involuntariamente, ela soltou a respiração, um arfar de alívio. Não se recordava de ter escutado o tio pronunciar tantas palavras de uma só vez, muito menos elogiar alguém.

Uma buzina tocou.

A mulher virou-se abruptamente:

— Mais um minuto!

O pai do garoto continuara no carro e foi alvo de um olhar rápido e severo do Tio Vampiro.

A sobrinha agradeceu, desculpou-se mais uma vez e apressou-se.

— Diga "tchau" para o tio Francisco, Christopher.

Para surpresa da mãe, do tio-avô e do próprio Christopher, este correu para abraçá-lo em despedida.

— Seja feliz — sussurrou o velho em seus ouvidos. — Não deixe o verdadeiro monstro te pegar.

— Tchau, tio.

No bolso de sua bermuda, sentiu o pequeno volume balançar: o olho-de-boi.

Quando estavam quase na metade do caminho de pedras, o garoto falou para a mãe:

— Cuidado!

A mulher assustou-se e quase derrubou as malas.

— Que foi?

Ele apontou.

— As formigas! As formigas!

— E daí? Quem liga pra...

— Não pise nelas — pediu. — Tire o pé!

Viu que algumas delas tinham morrido esmagadas e outras contorciam-se. Sentiu um pesar tremendo, quase uma dor física abater-se sobre si.

Ela fitou-o de um jeito enviesado e, depois, por cima do ombro esquerdo.

O tio continuava lá: alto, magro, pálido e ereto feito àquela coisa que, por anos, visitara seus pesadelos na escuridão de um poço sem fim.

— Não pise — insistiu Christopher. — Querem viver.

A mãe não contrariou o filho e deu uma passada mais larga. Porém, advertiu-o:

— Vamos ter uma conversa em casa. Quero saber tudinho o que aconteceu nesses dias.

O menino anuiu e, procurando soar casual, indagou:

— A gente pode ter um jardim no quintal?

Alguns vasos era tudo o que havia em termos de verde. Todo o chão era coberto de ladrilhos.

— De jeito nenhum! Só serve para juntar bicho e fazer sujeira.

— Por que não?

— Porque não e pronto! Não crie encrenca. Eu e seu pai estamos melhor, ficaremos melhor. Não invente moda e comporte-se, está bem? Eu trouxe uma lembrança.

— O que é?

— Um boneco do Super-Homem! Legal, não?

Christopher respirou fundo e prosseguiu, carregando a sua sacola de preciosidades. De um jeito contraditório como todo ser humano tendia a ser, ficara um pouco decepcionado. Virou para ver o tio-avô, o qual acenou-lhe em resposta.

Lá estava o velho em seu terno marrom, incrustado no "castelo do Drácula", conforme o menino chamara, em meio às árvores, a fachada amarela e branca desbotada, trepadeiras subindo pelas paredes e tijolos de barro cozido emergindo do reboco quebrado. E a estrutura cilíndrica e seu telhado pontiagudo a abrigar a escada em caracol. Não havia nada de estranho nisso. Nada havia de sobrenatural naquela casa e, tampouco, no tio-avô. Excêntrico sim, mas não sobrenatural. Ele não era um vampiro de verdade, não obstante seus tiques e poses teatrais. Não havia assombrações rondando os corredores, o sótão ou o porão, exceto por camundongos a correr no interior das paredes, buscando saciar a própria fome e a de seus incontáveis filhotes.

Sim, de alguma maneira, saía um pouco desiludido.

Foi quando, já próximo ao portão, voltou-se uma última vez para trás, para o alto. Novamente, avistou o vulto magro e ereto, o qual tornara-se mais uma coisa sombria fundida à varanda do que um ser humano, e que o tempo cuidaria de transformar em névoa até quase desaparecer da lembrança. Entretanto, Christopher sabia, algo permaneceria. Através das copas das árvores, percebeu uma súbita rajada de vento atingir a casa por trás e envolvê-la. Centenas de folhas foram arrancadas e revoltearam feito corvos assustados. O tio-avô encolheu-se ainda mais na

penumbra da varanda. O garoto percorreu a vista para o conjunto do sobrado, detendo-se mais no alto, na antiquada sacada de grandes em arabescos, cuja porta-balcão encontrava-se completamente aberta. Algo atraiu sua atenção. Talvez nem tivesse dado conta, não fosse pelo vento.

O menino estacou.

Um calafrio percorreu o corpo pequeno a ponto a mãe sentir seu tremor antes de perceber que ele havia parado.

— O que foi dessa vez? — perguntou, fitando o chão. — Não tem formigas.

— Mã-mãe... — gaguejou.

— Ei, o que há com você? Está tremendo!

— Vamos embora! — implorou, arrancando sua mão da dela, abrindo o portão.

E o vento os alcançou, desfazendo o penteado da mãe e atirando punhados de folhas sobre os dois.

O carro partiu em direção ao túnel de árvores sem Christopher voltar o rosto para trás uma única vez. Pois ele podia jurar, podia sim. Vira no andar superior, atrás da antiga sacada de arabescos, sob o umbral da porta-balcão, por entre as agitadas cortinas cor-de-rosa daquele quarto proibido.

Ele vira.

Era o vulto de uma mulher.

Seus cabelos eram negros, longos e lisos. Alcançavam a cintura e, a exemplo das cortinas, acompanharam o sopro de ar, destacando-se sobre estas. E ela trajava um vestido branco ou uma camisola, igualmente esvoaçante. E lá ficou, estática, fantasmagórica, imersa em punhados perguntas as quais Christopher não queria pronunciar e, tampouco, saber as respostas.

EPÍLOGO

Alguém já escreveu uma vez: o som mais pungente que podemos ouvir é o da primeira pá de terra sobre a tampa do caixão de um ente perdido.

E é verdadeiro.

Eu senti esse impacto como se alguém me batesse no estômago. Trouxe-me a recordação de minha avó, mãe de minha mãe, irmã de Tio Vampiro, falecida pouco tempo depois daquela semana no velho sobrado. E de tia Nice, um doce de criatura, não obstante o azedume de Jonas.

Meu filho, ainda muito pequeno, virou seu rosto para mim.

Procurei sorrir.

— Está tudo bem, Marco — menti.

Enquanto no cemitério eu sentia o vento frio e os respingos da chuva, refleti. Meu tio-avô ensinou-me a amar os vampiros e lobisomens. Aumentou meu prazer por colecionar bugigangas, para desespero de minha mãe. Despertou em mim a curiosidade pelas minúcias do mundo, a cultivar a leitura, as histórias das relíquias, o cuidado pelas plantas e pequenos animais. Influenciou-me de tal maneira que, algumas horas após chegar ao velório, uma das filhas do Jonas aproximara-se de mim e apontara: "Tio Vampiro!" Tive de sorrir, apesar de eu ver nisso um dedo ou dois dele, uma espécie de vingança por tê-lo "dedurado" na escola sobre o xixi na roupa. Embora eu não fosse um eremita, aos olhos dessa priminha de segundo grau, eu deveria ser esquisito a minha maneira. Não fiquei desgostoso. Era um tipo de tradição que precisava ser mantido.

O coveiro de semblante apiedado prosseguiu pá após pá. Era um ritual que,

pelo estado das mãos calejadas, cumpria fazia tempo, porém, via-se em sua fisionomia: nunca conseguira ficar indiferente.

No final das contas, para meus pais, aqueles sete dias foram em vão. Divorciaram-se ao término de alguns anos. Ele permanecia fora a maior parte do tempo. "Trabalhando", era o que a minha mãe dizia, saindo bem cedo e retornando após a meia-noite. Nos finais de semana, muitas vezes também ia "trabalhar". Das vezes em que ficava em casa, passava a maior parte do tempo cochilando no sofá ou assistindo televisão. Não dormiam mais juntos nessa época.

Então, não me admirou perceber que, no decorrer dos anos, eu lembrasse mais daqueles sete dias do que os sete anos subsequentes em que meus pais fingiram continuar casados. E, após partir, meu pai não procurou manter contato, tampouco eu quis. Ah, sim, às vezes telefonava-me para desejar um feliz aniversário ou feliz natal, mas, na maior parte das vezes, era para pedir dinheiro. A maior recordação que eu conservei dele foi sua ausência. Desde garoto, passei a odiar festas de aniversário ou comemorações de fim de ano.

Sim, a pírralha tinha razão: cultivei minhas próprias esquisitices.

O que eu gostaria de dizer, tio Francisco, é que o senhor foi mais um pai para mim naqueles sete dias do que o pai que eu tive em todos aqueles anos. Aquele que, em criança, fazia-me tremer dos pés a cabeça, em apenas uma semana eu aprendi a amar.

Certa feita, o senhor fizera um brinde: "Às profundezas frias e escuras de nosso céu íntimo, onde a dor é o carrasco e também o alento."

Em resposta, ousei dizer-lhe perante sua sepultura:

— À luz, meu tio, à sua luz.

Foi quando eu senti um cutucão vir por trás.

Virei-me contrafeito.

Era a mulher idosa que me encarara quando mexi no exemplar de *Drácula* nas mãos do tio Francisco. Ao contrário da primeira impressão, seu semblante, agora, era compassivo.

— O senhor é o Christopher?

Eu tinha só vinte e três anos e, apesar de ter-me tornado pai bastante jovem, não me acostumara a ser tratado de tal maneira, especialmente por alguém de cabelos brancos presos por uma redinha

— Sim, senhora, — confirmei.

— Sou Clarice. Cuidei do Seu Francisco nos últimos anos.

Continuei a ouvir.

— O senhor poderia me acompanhar, por favor?

— Onde?

— Ali — apontou para um banco de cimento a cerca de trinta metros, na borda do cemitério.

— Por que...

— Por favor — insistiu.

Avisei minha esposa e deixei nosso filho com ela.

O banco ficava sob uma cobertura, protegido da chuva. O solo encontrava-se forrado de amarelo por causa das flores dos ipês. Tudo exalava um odor tristonho de início de Outono.

Sentamo-nos.

Vi-a remexer no interior de uma sacola em *courvin* e de lá retirar um envelope. Era grande, pardo e muito grosso.

— Ele pediu para entregar ao senhor.

Estava pesado.

A mulher de nome Clarice continuou:

— Eu enviei uma carta dele. O senhor recebeu?

Retirei-a do bolso das calças para mostrar.

Ela ficou aliviada.

— Foi a última coisa que ele escreveu no computador. Em seus momentos de lucidez, deixou-me instruções. Repetiu diversas vezes para eu entregar esse envelope.

Se ela estava curiosa sobre o conteúdo, não deixou transparecer. Tampouco eu pretendia abrir ali, naquela ocasião e diante de uma estranha.

— O que ele disse? — perguntei. — Como esteve?

— Não era de falar. Mas repetiu várias vezes o nome do senhor. Dizia coisas sobre o passado, o quanto sofrera, mas acho que o senhor já sabe.

Tomado por um sentimento de remorso, contei-lhe em poucas palavras o pouco contato que mantive com meu tio-avô após aquela temporada.

— Imaginei — respondeu ela num rastro de censura. — Nunca vi ele receber qualquer visita.

— O que meu tio contou sobre o passado dele?

— Pelo que entendi, a mãe do Seu Francisco veio de família muito pobre e numerosa. Ainda na adolescência, ela foi praticamente comprada por um fazendeiro de meia-idade: seu bisavô. Os pais dela não tinham condições de sustentar a todos. Ela ainda brincava de boneca quando teve o primeiro filho. Na idade adulta, foi tomada pela depressão. Suicidou-se pouco depois de dar à luz ao quarto filho: o Seu Francisco. Veneno de rato. O fazendeiro não guardou luto

muito tempo e logo arranjou uma rapariga. Era homem rude e severo. Gostava de aplicar a guasca nas pernas dos filhos por qualquer motivo.

— Quem fim levou?

— De acordo com Seu Francisco, o fazendeiro morreu bebedeira. Perdeu tudo para as mulheres e a cachaça. Foi encontrado caído na sarjeta, perto de um boteco. Não havia lágrimas nos olhos do Seu Francisco, só o sentimento de estar livre. Ele sempre culpou o pai pela morte da mãe que não conheceu.

Agora, finalmente, eu podia imaginá-lo mais jovem, adolescente, criança até. Fiz, então, a pergunta entalada todos esses anos na garganta:

— Havia um quarto...

Dona Clarice adivinhou de imediato.

— O quarto de mulher.

— Sim.

— Foi o que deu mais dó nele.

Amou tanto e, no final, foi traído.

Franzi a testa.

— Traído?

— Ele não contou?

— Eu era criança...

— Tinha um lago no pé do morro.

— Eu me lembro.

— Foi aterrado para a construção de um *shopping*. Mas, na mocidade, Seu Francisco flagrou a noiva com o amante na beira do lago. Não sei se foi verdade ou delírio. Ele ficou tão surpreso e cheio de raiva! Tudo de ruim que sentia pelo pai e, agora, vendo os dois ali entre as árvores, veio à tona num pedaço de pau.

— E aí? — perguntei, inquieto.

— Ele arreventou a cabeça do rapaz.

Ouvi aquilo chocado. E, como se não bastasse, Dona Clarice arrematou:

— Bateu tão forte que parte do cérebro espirrou no colo da moça.

Eu não soube o que dizer. Permaneci ali, parvo, de boca aberta.

E ela prosseguiu:

— Em seguida, arrastou a moça para dentro do lago. Afogou-a. Depois, encheu os bolsos do infeliz de pedras e afundou no lago. Ao menos, foi o que ele contou. Não tudo de uma vez. Precisei juntar os pedaços.

— Tem certeza?

— Foi com esses ouvidos que a terra há de comer. — Deu de ombros. — Mas o juízo dele não tava bom.

Eu não sabia o que pensar.

Tio Vampiro, um assassino?

"... O maior monstro (...) encontra-se dentro de cada um de nós..."

Seria isso, em verdade, o que ele sempre quis dizer?

Fiquei sem palavras, incerto em que acreditar. Quando dei por mim, indaguei:

— E quanto a moça? Ele falou o que fez?

A senhora idosa confirmou.

— Escondeu-a no mato até anoitecer, depois, trouxe-a para casa numa carroça. Enterrou-a ao lado do sobrado onde...

— Onde construiu um jardim!

— Exatamente.

— Meu Deus...

As palavras do Tio Vampiro reverberaram do passado até os meus lábios:

— "Assim como a vida traz dentro de si a semente da morte, a morte pode ser uma fonte de vida. Ela continua a existir nas plantas que alimentou."

A velha teve um sobressalto.

— Eu escutei ele dizer isso! Diversas vezes. Bem, Sr. Christopher, era

o que eu tinha a fazer — Levantou-se. — Ele estava senil. Não dizia coisa com coisa perto do fim. Se bem...

Calou-se.

— Se bem... — cutuquei.

— Quando drenaram o lago uns anos atrás, dizem que acharam um esqueleto. Vou-me agora.

— E quanto ao quarto? O que achou dele?

A mulher deu de ombros.

— Vi um homem muito apaixonado, muito decepcionado e muito triste. Ele guardou tudo o que era dela. Manteve, inclusive, um manequim vestindo suas roupas.

— "Manequim"?

— Isso. Essas bonecas de vitrine de loja. Era obcecado pela noiva. Não sei se devia dizer... Seu Francisco até dormia junto dela. Isso eu vi. E, agora, chega.

Voltou para o enterro onde as poucas pessoas presentes dispersavam-se.

Permaneci naquele banco de cimento, perplexo, repleto de imagens do passado e das revelações surpreendentes daquela senhora. Sem aguentar esperar até chegar em casa, abri o envelope.

Continha cartas, muitas cartas. Parte de sua correspondência. Havia anotações pessoais, contos, poemas. Até o quadrinho de feltro, trazendo a imagem da caveira amarela.

— "23-8-1974".

Quase vislumbrei um garoto magricela, olhar tristonho, fitando-me do passado.

Entre as cartas, havia algumas assinadas por aquela jovem, Simone. Entrevi em suas linhas certas palavras ou frases que se repetiam. Uma pista. Ela não queria continuar mais o relacionamento e não tivera coragem de dizer. Escrevera: "talvez", "eu não sei",

"somos tão diferentes". Até algo mais revelador de todos, uma pergunta: "Será que daríamos certo?"

Então, achei outro envelope. Também era pardo, porém, menor, meio ofício. Trazia o meu nome do lado de fora, escrito numa garatuja mais incerta do que a minha. Dentro dele, em formulário contínuo, a carta datava de mais de um ano atrás.

Christopher.

Veç ou outra surpreendo-me pensando naquela semana que você ficou comigo. Lembra-se? Não sei se isso ocorre com você, possivelmente não. E não o culpo.

Antigamente, ao escrever uma carta, não somente podia-se aprofundar num determinado assunto, divagar, meditar, pensar, mas, de um modo geral, era uma entrega que o remetente fazia do seu eu interior para o destinatário — e tão somente a este. E lê-la no meu canto sossegado na poltrona, era mais do que uma descoberta: era uma revelação. Hoje em dia, eu não vejo isso. Percebo palavras demais para conteúdo de menos. Não há entrega, mas narcisismo. O admirar-se e o desejo de ser admirado. São ilhas de autocontemplação num oceano de verborragia. Em uma era de tanta comunicação, tornamo-nos cegos, surdos e mudos. E mais isolados.

Meu tempo está terminando. E eu não pretendo esperar por ele.

Lego a você os meus livros e todas aquelas bugigangas que você conheceu e outras mais que não chegou a ver. Nos últimos anos, procurei escrever a história de cada uma delas nas páginas anexas. Talvez não tenha passado de tempo perdido, todavia, isso depende da perspectiva de cada um, da sua em particular.

Por mais que me doa o coração, eu espero que a casa seja vendida e o dinheiro repartido entre sua mãe, a Zuleika e a minha cuidadora, Clarice. Somente uma mulher como esta para me

aturar, especialmente agora, quando a demência avança a passos largos, pisoteando-me a consciência.

Ah, surpresas aguardam os futuros moradores... Uma casa vazia com muito a contar.

Deixo-lhe também meus diários, minhas histórias e o que talvez possa preencher as infinitas lacunas de uma vida reclusa povoada por assombrações.

Lembre-se:

O passado não é uma âncora a nos prender às profundezas.

É a bagagem que nos acompanha.

É o alicerce sobre o qual a vida nos construiu.

É o abrigo sob o qual vez ou outra nos recolhemos.

Ignorar o passado e observar a vida como se existisse somente o presente e vislumbres de nossas esperanças futuras poderá ser uma visão límpida, desprendida, quase cristalina, mas — e talvez por isso — igualmente destituída de conteúdo.

Deste mundo e desta vida eu nada levarei, todavia, alguma coisa eu espero deixar.

Deixo a você.

Apesar do pouco tempo, naqueles sete dias, você foi para mim o mais próximo que eu cheguei a sentir do que seria ter uma família.

Basta. Meus dedos doem e tremem. Quando a visão, nem se fale.

Obrigado.

Tio Vampiro

Voltei para a minha família.

Minha esposa, lívida, veio me contar:

— Você sabia? Seu tio não morreu da idade. Foi suicídio!

— Quem te contou?

— Não ficou surpreso? Você sabia?

— Não exatamente — respondi.

"... Meu tempo está terminando. E eu não pretendo esperar por ele..."

— Foi aquela senhora que conversava com você. ele tomou veneno.

— Veneno de rato.

— Como sabe? — indagou ela, desconfiada.

— Depois eu falo. E aposto que, contra os ratos, ele nunca usou. Vamos pra casa.

Despedi-me de minha mãe. Ela falou pouco mais que uns monossílabos e foi apanhar uma carona até o apartamento onde atualmente morava. Vivia com seu ex-psicólogo, o qual não se dera ao trabalho de vir. Mudaram-se os homens, porém, não o comportamento. Problema deles ou das escolhas que ela fizera?

Jonas partiu na surdina, sem dizer "tchau" aos presentes. Ninguém ligou para sua grosseria, entretanto, eu compreendi. O funeral trouxera-lhe a mãe à lembrança.

Somente a falastrona da tia Zuleika dava mostra de felicidade: conseguira, enfim, concluir seu cachecol.

Fiz questão de agradecer ao coveiro e apertar-lhe a mão. Quis dar-lhe uma gratificação pelo serviço o qual, gentilmente, recusou. Um homem notável.

Não tornei a ver aquela senhora, Dona Clarice, mas esperava revê-la um dia.

Assim, deixei o Tio Vampiro completar a sua grande travessia, cercado pelos ipês, pelas memórias, sob o céu cinzento do Outono que chegara deste lado da margem do Existir.

Já em casa, apanhei meu olho-de-boi, prestes a examinar aqueles papéis. Tornara-se um tipo de talismã ao longo dos anos, embora eu jamais fosse admiti-

lo. Rodei a semente entre meus dedos, sentindo sua rigidez, admirando o brilho marrom-avermelhado.

Um dia, esse olho-de-boi falara sobre caminhadas a beira-mar e sonhos desfeitos de um homem muito solitário: o Tio Vampiro.

Todavia, no meu caso, contou a história de sete dias que mudaram a minha vida para sempre.

A seu tempo, ele registraria outras tantas histórias, desta feita, de meu filho.

E não, de forma alguma eu cavoucaria aquele jardim.

NOTA DO AUTOR: A personagem-título surgiu sob a influência da figura de **Rubens Francisco Lucchetti**, cujas histórias assombraram e enriqueceram a minha mocidade. "Tio Vampiro" pretendeu, pois, ser uma modesta homenagem e um sinal de agradecimento. Há várias referências a livros, gibis ou filmes. Os livros antigos eu os preservo de minhas perambulações aos sebos em São Paulo. Quanto aos filmes e gibis, fazem parte de minhas recordações e, resgatá-los aqui, foi motivo de prazer e nostalgia. Neste exato momento, acabei de brincar com o meu olho-de-boi...

Roberto Schima:

Eu colecionava os gibis de terror da Ed. Taika. Ganhei "Frankenstein", de Mary Shelley, aos treze anos. Deliciava-me com o sinistro Drácula de Nico Rosso e o galante Lobisomem de Sérgio Lima. Assistia aos filmes da Hammer, tendo Christopher Lee e Peter Cushing por ídolos. E lia pelos cantos as edições de bolso da série Trevo Negro, escritas pelo legendário R. F. Lucchetti. Desenhei diversos monstros que pintava com giz de cera. Apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Mais tarde, li os gibis da série "Kripta"... Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos.

Participo da revista "Conexão Literatura" desde sua edição nº 37.

Mais informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#Wey1sltSzIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL



FANPAGE: + DE 53 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com